



*Guido Pagliarino*

# *Voltas No Tempo*

*Novela em duas partes:*



*Universos Paralelos*  
*Pecado Original*



**Guido Pagliarino**  
**Voltas No Tempo**

Copyright © 2019 Guido Pagliarino

All rights reserved

Book published by Tektime

Tektime S.r.l.s. - Via Armando Fioretti, 17 - 05030

Montefranco (TR) - Italy

Guido Pagliarino

*Voltas no Tempo*

*Romance em duas partes:*

*Universos Paralelos - Pecado Original*

*Guido Pagliarino*

*Voltas no Tempo*

*Romance em duas partes: Universos Paralelos - Pecado*

*Original*

*Tradução do italiano para o português brasileiro por*

*Claudionor A. Ritondale*

Edições da obra em italiano:

*1 a Edição, em livro impresso, em audiolivro e em e-book, "Svolte nel tempo - Romanzo", Copyright © de 2011 a 2013 de 0111 Edições - de 1º. de janeiro de 2014 todos os direitos são reservados ao autor*

*2 a Edição em livro impresso e em e-book, revista pelo autor e acrescida de três posfácios, "Svolte nel tempo - Romanzo in due parti: Universi Paralleli - Peccato Originale", Tektime Editore, Copyright © 2018 de Guido Pagliarino*

A imagem da capa foi feita eletronicamente pelo autor

Personagens, nomes de pessoas e coletivos, locais, situações em grupo ou individuais do passado ou do presente são imaginárias. Eventuais referências a pessoas ainda vivas ou que tenham vivido à parte das personagens históricas são involuntárias, e os fatos e as palavras atribuídas às mesmas personagens históricas são igualmente inventados.

## Índice

### [Voltas no Tempo, romance](#)

#### [Primeira Parte: “Universos paralelos”](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

Capítulo 7

Capítulo 8

#### Segunda parte: “Pecado Original”

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Introdução do autor à 1ª edição

Posfácio do autor à 2ª edição (Sobre o mal no romance “Voltas no tempo”)

Posfácio de Cristina Bellon (a partir de seu artigo no número 59 da revista “Future Shock”, sob autorização da posfaciadora)

Posfácio de Antonio Scacco (excerto de seu artigo no número 60 da revista “Future Shock”, sob autorização do posfaciador)

Nota s

Guido Pagliarino

[Voltas no Tempo](#)

*Romance in duas partes: Universos Paralelos - Pecado Original*

[Primeira Parte: “Universos paralelos”](#)

[Capítulo 1](#)

Na sala do mapa-múndi do Palazzo Venezia, um grande escritório romano do Chefe do Governo, o telefone branco reservado, diretamente ligado a alguns números exclusivos, tinha tocado. Eram 15 horas e 28 minutos de 13 de junho de 1933, décimo primeiro ano da Era Fascista.

Benito Mussolini, sentado junto à sua escrivaninha, tinha levantado o gancho do dispositivo, inclinando-se imediatamente à sua direita no chão ao lado de outro telefone, preto, cuja linha passava pelo painel de controle.

Do outro lado da linha estava o Dr. Arturo Bocchini, uma figura poderosa no topo do Real Corpo dos Guardas da Segurança Pública<sup>1</sup> e, neste, no topo da divisão poderosa e temida da polícia política OVRA: o significado da sigla, para

intimidar melhor o público, nunca tinha sido esclarecido, talvez Órgão de Vigilância sobre Reações Antiestatais, mas a sua função como guardião supremo do regime fascista era bem conhecida de todos.

"Duce, eu vos<sup>2</sup> o saúdo: aqui é o Bocchini", iniciou ele.

"Diga-me, Bocchini!": os telefonemas do chefe do OVRA eram quase portadores de aborrecimento, quando não de problemas, e Mussolini sentia uma certa aceleração dos batimentos cardíacos ao ouvir aquela voz, perturbação que ele tentou mascarar usando um tom particularmente imperioso.

Sem preliminares, o outro lhe tinha contado um fato extraordinário: "Duce, esta manhã uma aeronave desconhecida estranha apareceu no céu da Lombardia. Como lá em cima hoje está quase completamente coberto, aquela aeronave, que é de forma incomum, desapareceu várias vezes nas nuvens, reaparecendo de vez em quando... "

"... e qual seria esta forma incomum?"

"A aeronave se assemelha ao disco do atleta discóbulo."

"Alto lá! Não será um helicóptero do engenheiro D'Ascanio?"<sup>3</sup>

"Duce, pode-se excluir esse, seu último modelo foi o bem conhecido DAT 3 que tinha levantado voo do solo apenas alguns metros; e, de qualquer forma, no ano passado a Sociedade D'Ascanio-Troiani se dissolveu, tendo sido exauridos os capitais; no entanto, não vemos que, pelo menos por enquanto, eles estejam construídos no exterior. "

"O que D'Ascanio faz agora?"

"Ele trabalha na Piaggio, em projetos convencionais de aviões de bombardeio".

"Qualquer outra coisa sobre essa aeronave desconhecida?"

"Tem um diâmetro de aproximadamente dez metros, é de cor clara, entre o branco e a prata. Foi avistado pela primeira vez pelo Observatório de Brera e, pouco tempo depois, por transeuntes sobre várias áreas de Milão: um deles, o capitão dos Alpinos, Alighiero Merolli, advertiu os Carabineiros Reais, através dos quais colocaram-se em alerta os meus homens e também a Milícia<sup>4</sup> e a Força Aérea Real."

"Está bem".

"Uma esquadrilha de Fiat CR 20 5 voou para patrulhar o céu de Milão e do entorno, tentando avistar e fotografar essa aeronave e, em seguida, fazê-la pousar: uma missão que não foi fácil, dado o dia nublado. A sorte quis que o disco de repente saísse de um grupo de cumulus exatamente acima dos aviões: ele tinha uma configuração de voo anormal, parecia estar em apuros, ele procedeu balançando, um pouco, me disseram, como um pião no final da corrida quando começa a balançar e, em seguida, oscila para parar, dali a pouco, de repente. O Capitão Attilio Forgini, comandante da esquadrilha, ordenou àquela aeronave desconhecida, tanto por rádio em italiano e in francês<sup>6</sup>, quanto adotando as configurações de voo que descrevem visualmente essa ordem, para segui-lo; não fez isso a tempo nem de escotar a aeronave até o aeroporto mais próximo nem para abatê-la, o

que teria sido possível porque estava agora fora de Milão: apesar do problema em que parecia estar metido, o piloto estrangeiro de repente acelerou o disco para uma velocidade que o nosso avaliaram de mil quilômetros por hora”.

"Mil...!"

"Sim, Duce, não menos, parece coisa certa, isso foi-me assegurado pelo seu Comando que aqueles pilotos têm todos comprovada experiência e capacidade, a começar pelo com líder da esquadrilha."

"A que velocidade exatamente os nossos aviões viajam?"

"Ah, Duce, eles são velocíssimos, mas no máximo eles chegam a 270 por hora. Eu sei, a partir de minhas fontes na Fiat, que lá em Turim estão fazendo voos experimentais com um novo modelo, o CR 32, mas mesmo este biplano, embora mais rápido, não chega nem mesmo remotamente perto daquela aeronave desconhecida, na verdade, não excede os 375 por hora, tanto que, por enquanto, há apenas alguns protótipos experimentais, e a produção em série é esperada o mais rápido possível para o próximo ano."

Mussolini tinha apertado suas mandíbulas, então: "Um dano à imagem e um perigo militar gravíssimo para a Itália! Nós não podemos ficar para trás na inovação aeronáutica! Olhe, Bocchini, enquanto isso eu telefono ao Balbo, para que dê imediatamente ordem aos Comandos aéreos do Norte para fazer levantar voo a mais esquadrilhas: talvez alguma consiga avistar, de novo, aquela coisa, e desta vez para abatê-la também... "

"... Não, Duce, desculpe..."

"Como não?!"

"Desculpe, quero dizer que a aeronave já foi capturada..."

"... e você poderia ter dito isso logo, não poderia?"

"Sim... Sim, Duce, eu estava realmente a ponto de dizer-lhe."

"Vamos lá!"

"Desapareceu da vista, aquele tipo de prato voador não conseguiu se esconder por muito tempo, não muito tempo depois aterrissou no meio do campo, ou melhor, foi visto caindo em queda livre nos últimos metros, como se o motor se tivesse plantado de repente, acima de um campo de trigo entre as localidades de Sesto Calende, Varese e Vergiate: mais perto a esta última."

"Quem o viu?"

"Um certo Hannibal Moretti, um mestre agricultor de arrendamentos, dentre os quais um campo fronteiriço com o do impacto: um fascista de primeira hora que participou da Marcha para Roma. Ele, tendo chegado recentemente em uma bicicleta dotada de equipamento para uma inspeção do estado de amadurecimento do grão, ouviu um sibilo, levantou a cabeça e pôde seguir a queda da aeronave e ver o seu impacto sobre o campo limítrofe; não se aproximou temendo um incêndio subsequente e uma explosão, o que, no entanto, não aconteceu; mas ele rapidamente voltou em sua bicicleta e alertou a Estação dos Carabineiros Reais local, comandada pelo Marechal Chefe Amilcare Palumbo. Ele ficou imediatamente de prontidão,

mante na Estação apenas os homens estritamente necessários à manutenção da ordem pública e fez bloquear pelos outros o trânsito de veículos civis na zona de impacto. Felizmente, a partir da estrada mais próxima, uma rodovia, não se podia ver nada da aeronave, porque ela se alonga por uns 400 metros de distância e há árvores no meio, enquanto ao lado dela, me disseram, há apenas uma picada de terra batida, aquela em que o Moretti tinha chegado e partido de bicicleta, e pela qual raramente passa alguém. O veículo foi cercado por homens das três forças de segurança, enquanto um centurião<sup>7</sup> da Milícia, que veio do não quartel Giovanni Berta, começou a rastrear os campos e bosques da área e, em seguida, edifício por edifício, também em Vergiate.

"... e o Moretti? Saiu por aí falando?"

"Não, Duce: o Palumbo manteve-o com a desculpa de que era necessário que ele cooperasse na elaboração de um relatório. Sob sua ordem, não transmitida obviamente na frente do Moretti, um escrivão, com o agricultor sentado na frente, pôs-se com uma lentidão estudada a datilografar, perguntando, escrevendo, corrigindo, etc. Enquanto isso, o Marechal alertou as outras forças de Polícia e a Milícia e ordenou ao seu imediato, um tal brigadeiro Aldo Pelassa, que fosse até o local para bloquear o tráfego e cercar o veículo; então, o Marechal pediu mais provisões dos superiores. Eles, antes de responder, me alertaram, dada a delicadeza da situação, e eu transmitir diretamente ao Marechal a ordem de providenciar a condução da testemunha

ao quartel Berta da Milícia, com o pretexto de aprofundar a investigação, para que estivesse bem instruído sobre o que dizer. Telefonou-me há pouco o primeiro sênior<sup>8</sup> Ilario Trevisan, comandante da coorte<sup>9</sup>, dizendo que o Moretti chegou e está esperando na sala de entrevistas na casa da guarda. Agora, Duce, aguardo suas ordens diretas e precisas sobre este assunto, para passá-las ao Trevisan. "

"Hum... o Moretti, você me disse, é um fascista de primeira hora e você tem que levar isso em conta... Mas, se ele sai falando por aí, pelo menos de momento... Hum! Ouça, Bocchini, faça isso: deixe-o livre, mas só depois de ter espalhado a notícia de que concordamos: faça comunicações ao rádio e aos jornais, através da Stefani que sempre nos atende, que um meteorito caiu do céu; e, mesmo assim, doutrine a este respeito o Moretti."

A Stefani era a agência de notícias oficial do regime encarregada de fornecer à mídia as informações que ela queria nas formas mais convenientes, e de meticulosamente monitorar sua disseminação, bem como ordenar o bloqueio de qualquer informação não bem-vinda que, infelizmente, tivesse começado a circular. Era dirigida pelo jornalista fascista Manlio Morgagni, nascido nas mesmas terras de Mussolini, em Forlì.

"Às ordens, Duce", respondeu Bocchini.

"Agora me fale sobre o piloto da aeronave."

"Dentro havia três pessoas, nenhuma estava viva: dois cadáveres de homens e um de mulher, todos em roupas leves que serão analisadas o mais rapidamente possível pelos químicos:

eles calçavam mocassins em seus pés e, sobre eles, camisas e calças, até a mulher, roupas como aquelas que se usam em um feriado na praia, às vezes até as senhoras mais modernas... "

"... fêmeas atrevidas.

"Sim, Duce. Não se trata de um uniforme, porque as cores dessas roupas são as mais variadas, um dos mortos estava vestida todo de preto, os outros dois, respectivamente, com camisas verdes e calças celestes, a mulher, e de amarelo e cinza, o homem".

"Eles queriam ir para o mar logo depois," Mussolini brincou para espalhar a inquietação que o havia acometido.

O líder do OVRA não tinha entendido muito bem: "Duce, é possível que nesse veículo os motores gerem um grande calor e depois..."

"... Mas que bela descoberta, Bocchini!"

"D... Desculpe, Duce, eu não tinha entendido..."

"... ah, tudo bem, vamos voltar a falar sério: para mim, esses três são espões, não simples pilotos de prova. Pena que eles estejam mortos e os seus homens não possam interrogá-los como se deve, contanto que não existam outros com vida, bem compreendido: você não acha que alguém poderia ter saído do avião e ter ficado emboscado?"

"Duce, no momento pesou de nossa parte a mesma suspeita e bem forte, uma vez que os assentos daquele disco aéreo são quatro; no entanto, pode-se pensar, por enquanto, que não há sobreviventes, já que toda a área e também a cidade de Vergiate

foram rastreadas pela Milícia: considerou-se que um dos assentos não tinha sido ocupado".

"Hum... sim, soa verossímil. Além disso, Bocchini, eu lhe digo que a presença de mulheres na aeronave parece-me um pouco estranha, mesmo que, no mundo, não há escassez de pilotos de avião mulheres, figuras, convenhamos, excepcionalíssimas" – Mussolini gostava muito dos superlativos, mais ainda se excessivos – " como aquela aviadora americana de que você me falou na época, aquela que tinha sobrevoou sozinha o **Atlântico no ano passado... Qual é o nome dela? "**

**"Amelia Earhart10".**

**"Ah, sim; e... será que não é ela?"**

"Estamos verificando, Duce. No entanto, eu faço um parêntese a Vossa Excelência que, muito recentemente, também tivemos uma pilota feminina heroica, a marquesinha de 22 anos Carina Negrone, que, por pura iniciativa própria esta manhã ganhou a licença de pilotagem em Gênova, decolando com um hidroavião Caproncino do mar abaixo da Lanterna. "

**"Bravo, Bocchini! Boa notícia para a propaganda! A mulher é de comprovada fé fascista, não é?"**

**"Uma patriota, Duce, e instruiu-a um piloto militar aposentado, um herói da Grande Guerra: o industrial genovês Giorgio Parodi."**

**"Conheço, conheço. Muito bem: por ora, eu ordeno que você anuncie através da Stefani o fato da ousadíssima aviadora italiana: a notícia ajudará a distrair os jornais**

**daquele avião desconhecido, porque o fato certamente não favoreceria a imagem da nossa aviação. Ao mesmo tempo, bloqueamos a notícia do disco disparando a piada da bola de fogo celestial. Até hoje, a nossa Força Aérea tem sido a primeira no mundo, e o mundo deve continuar a pensar assim. Mil quilômetros por hora! Coisas dos romances de Jules Verne! Temos que chegar lá também, hein?**

**"Certamente, Duce", assegurou Bocchini, embora, com a produção aeronáutica, ele tinha que combinar salame com morangos ao chantili.**

**"Se você não tivesse me dito, eu não acreditaria; mil quilômetros por hora: formidável; mas voltando à mulher morta: sua presença na aeronave corrobora o que eu disse antes."**

**"?"**

**"... mas claro que se trata de espionagem! A mulher, como tal, não poderia ser um militar, se tanto um intérprete, ou algo assim, de um serviço secreto".**

**"Sim, Duce. Vou investigar. Enquanto isso, se me permite, eu continuo a relatar a Vossa Excelência.**

**"Prossiga".**

**"Com muitas ambulâncias, os três cadáveres deram entrada no necrotério do Hospital Militar de Milão, onde estão escoltados à espera de uma necrópsia. Chegaram à cena do impacto, ao mesmo tempo, caminhões especiais e guindastes móveis da Aeronáutica, todos com grandes pneus cravados ou faixas para terrenos não pavimentados, e conseguiu-se carregar o veículo e**

liberar a área da presença embaraçosa da multidão, obviamente depois de ter sido proibido o tráfego em todo o percurso, porque o disco ocupava quase toda a largura da estrada.

"Danos às colheitas locais?"

"Ah, sim, Duce, entre faixas e pneus cravados, e considerando que até a estrada pavimentada há apenas a picada de terra, os campos de cada lado dela tiveram danos consideráveis."

"Nós compensaremos os donos. Vou avisar o prefeito local... Qual é a província? "

"Varese, Vergiate está na província de Varese."

"Sim, Varese. Fotos do disco?"

"Sim, Duce, muitas fotografias foram tiradas."

"Mostre-mas agora."

"Elas estão sendo impressas, Duce. Amanhã de manhã, no máximo, com correio expresso da Segurança Pública, elas estarão em sua escrivaninha."

Está bem. Prossiga."

"A aeronave foi abrigada não muito longe do local de pouso nas instalações das antigas Oficinas Eletroquímicas Doutor Rossi, compradas há muito tempo pela indústria aeronáutica SIAI Marchetti, que as transformou em uma fábrica de aviões. Paralelamente a esse empreendimento, a SIAI, em convênio com o Ministério da Aeronáutica e com a intervenção da Engenharia aeronáutica, construiu uma pista para os voos de teste."

"Quanto à segurança?"

"Um destacamento<sup>11</sup> da Milícia do quartel de Berta monta a

guarda tanto junto ao disco quanto junto à pista; eu acrescentei dois marechais do OVRA, que me reportarão diariamente os fatos."

"Todos devem estar sempre de mente bem arejada, de modo a não ter um único momento de desatenção. O turno deles será de vinte e quatro horas?"

"Não, Duce: mudança de grupamento e dos meus homens a cada 12 horas, exatamente para que todos estejam sempre atentos."

"Está bem. Olhe, Bocchini, nunca é demais enfatizar que este fato é prioridade absoluta hoje. Imediatamente deve sair a proibição de a imprensa falar sobre o incidente, apenas deve ser dito do aerólito natural e insistir em tal conto de fadas, mesmo que a notícia real já tinha sido coletada por alguns meios de comunicação. Providencie você mesmo junto à Stefani e convença-a a informar aos jornalistas que os difusores, mesmo que sejam de mínimos boatos diferentes, serão denunciados ao Tribunal Especial para a Segurança do Estado."

O efeito pesado desta denúncia teria sido o confinamento político na pequena ilha que dali se avistava de Ventotene, usada como uma estada forçada de expoentes não alinhados da cultura e de jornalistas não muito cuidadosos para com as ordens transmitidas com as chamadas bençãos da Agência Stefani.

"Até mais, Bocchini. Eu ligo para você de volta", concluiu Mussolini.

O líder do OVRA, tendo respondido com a saudação fascista

e colocado de volta o aparelho de telefone no gancho, retirou do gancho outro aparelho, que estava em comunicação direta com a central da Stefani, e transmitiu as disposições taxativas que ele tinha recebido do Grão-chefe. Mandou retransmitir essas ordens a todos os meios de comunicação por telégrafo relâmpago.

A sede de Milão da Agência tinha sido conectada sem demora, não só porque era a mais próxima do local da aterrissagem, mas porque em Milão residia o chefe da Stefani, Manlio Morgagni, e essa seção era considerada igualmente importante quanto, se não mais importante do que a de Roma.

Imediatamente depois, foi transmitida por telefone ao Observatório de Brera por Bocchini em pessoa, a ordem para tomar as providências imediatamente para passar à imprensa o "Boletim científico" atestando que o objeto visto no céu de Milão era algo absolutamente natural, um aerólito que tinha então caído no chão em campo aberto; seguiu-se uma imediata carta de confirmação ao diretor do Observatório, que teria sido entregue a ele em mão por um mensageiro da Segurança Pública: carta que só deveria ser lida e imediatamente devolvida ao portador, que a teria devolvido ao OVRA, que a teria arquivado entre os documentos classificados como altamente secretos.

## Capítulo 2

Teriam permanecido por muito tempo naquele planeta azul de massa apenas menor do que a do seu mundo e que tinha mares e continentes.

Imediatamente após a entrada da cronoastronave em órbita

padrão, os cronoastronautas tinham lançado os satélites de inspeção para mapear e detectar quaisquer formas biológicas. Analisados os dados, eles encontraram vida animal dentro dos oceanos e dos maiores lagos de água, mas não sobre as terras emersas, embora vestígios de uma civilização já extinta foram observados. A vegetação em terra firme, que era em grande parte desértica, variava de musgos a matos e arbustos e na água e em sua superfície passava de algas a ninfeias: não mais complexa forma de planta estava presente naquele mundo.

Os cientistas exploradores desceram a bordo de discos de desembarque que se moviam de acordo com o princípio da antigravidade, aproveitando a energia solar da estrela mais próxima e, como reserva, a produzida pela fusão nuclear na cronoespaçonave e armazenada nos acumuladores das naves menores. Cada uma delas tinha como dotação padrão quatro mísseis armados com bombas, dois poderosos disruptores e dois a fusão térmica, que não eram para servir como armas, exceto em casos extremos, mas para as operações científicas, por exemplo, para abrir um terreno para fins de pesquisa geológica. Se alguma coisa, em caso de hostilidade de nativos ou presença de animais nos locais de desembarque, com todos, além disso, ausentes neste planeta, cada disco poderia lançar raios que atordoavam e paralisavam temporariamente. Quanto à autodefesa, cada pesquisador carregava uma arma paralisante individual pequena, mas eficaz. Cada um também era equipado, para as mais diversas necessidades, com um microprocessador

eclético que, dependendo das psicologias, ou era implantado cirurgicamente no cérebro e era ativado com o pensamento, ou era mantido no bolso ou no cinto e podia ser ligado e usado com a palavra. Cada um, finalmente, usava um pequeno recipiente com moscas eletrônicas de espionagem, ativadas por voz e úteis para a exploração do território em sigilo quase absoluto, parecendo esses com insetos simples.

No oceano e lagos do planeta alienígena, astrobiólogos haviam capturado numerosos espécimes vivos de várias espécies aquáticas, colocados em duas grandes cubas do charuto, como era familiarmente chamada a embarcação cronocósmica, uma de água salgada e outra de água doce. Plantas aquáticas tinham sido inseridas naquelas cubas ecologicamente.

Os historiadores e arqueólogos da expedição concentraram-se nos vestígios e outros artefatos da civilização desaparecida localizados ao redor e dentro da área de pouso; inscrições em monumentos e lápides, nas paredes interiores dos edifícios e em artefatos foram observadas, fotografadas e filmadas. Também em terra firme foram coletadas estruturas ósseas de animais quadrúpedes e bípedes de vários tamanhos e, de particularíssimo interesse, esqueletos que lembraram em forma e tamanho, com não fortes semelhanças, aqueles mesmos dos cientistas: além de bípedes, bímanos e binóculos e, dada a posição das órbitas, de visão estereoscópica. Eles haviam sido encontrados nos destroços de carros e em galpões dilapidados e em grandes esplanadas, que devem ter sido em um passado distante

aeroportos e agora estavam já cobertos com intrincamentos de matos e musgos, carcaças de aviões. No que devem ter sido as habitações da espécie dominante, placas de azulejos, copos de vidro, potes de alumínio e outros utensílios de cozinha tinham sido recolhidos, bem como o que restava de frigoríficos, máquinas de lavar roupa, rádios e televisores. Em alguns prédios, os pesquisadores haviam recuperado cadernos e livros, em parte com finas, frágeis páginas amareladas e escrita desvanecida quando ela não havia desaparecido completamente, em parte formados por folhas de melhor qualidade que, graças também às tintas superiores, tinham suficientemente resistido ao tempo, embora sofrendo com manchas e mofo, e apresentavam escritos óbvios. Alguns desses achados gráficos consistiam em cálculos matemáticos. Em um apartamento particularmente digno de atenção, uma pintura foi encontrada no chão ao lado do que restou de um prego enferrujado agora quase completamente pulverizado, que deve ter se destacado da parede ao sustentar a pintura – quem sabe quando? O ambiente deve ter sido uma pequena sala de jantar. Um dispositivo de áudio com um disco de som gravado dentro, em bom estado, também tinha sido recuperado na mesma sala. Ao lado dele, deitados no chão, jaziam dois esqueletos, um de um adulto, ainda envolto em panos agora consumidos pelo tempo, e o outro, sem vestes, de um recém-nascido ou talvez um feto. No que devia ter sido uma sala de triagem, bobinas de filme tinha sido encontradas, a um primeiro exame arruinadas; no entanto,

em cima da nave, dela escorrendo com grande lentidão, duas seções haviam sido descobertas, em tantos rolos, ainda em muito boas condições. Eles haviam sido entregues ao especialista em restauração de vídeos sonoros. Os sons dos filmes eram, no entanto, irrecuperáveis, porque absolutamente danificado estava o par de faixas, não ópticas, mas magnéticas e, portanto, particularmente deterioráveis, que se espalhava ao longo das duas bordas de cada filme: o som deve ter sido estereofônico. Em uma das duas seções do filme, o menos danificado e que tinha sido restaurado em primeiro lugar e que foi passado para os computadores, os estudiosos puderam observar uma estrada com pedestres nas calçadas e um fluxo não intenso de veículos com motores de combustão, de formas semelhantes àquelas carcaças de carros e caminhões encontradas. Também restaurada a segunda seção recuperável de filme e transferidas para os computadores as imagens, era possível ver um acampamento de férias de verão de pessoas nuas.

### Capítulo 3

Na manhã de 14 de junho de 1933, bem cedo, o "fascista da primeira hora" Annibal Moretti, devidamente instruído e cansado pela noite sem dormir, além de algumas pausas curtas cochilantes sobre uma cadeira, tinha sido deixado livre para deixar o quartel Giovanni Berta e voltar para casa: entre tantos agradecimentos pela colaboração prestada.

Sua bicicleta tinha permanecido na Estação dos Carabineiros, porque no dia anterior ele tinha sido transferido para o presídio

da Milícia em uma caminhonete; o Moretti estava resignado a fazer todo o caminho para casa a pé, distante cerca de dez quilômetros do quartel, porque ninguém, do comandante ao major assessor, ao centurião adjunto da segurança do departamento, ao oficial de piquete, tinha sonhado em favorecê-lo ordenando-lhe uma passagem motorizada. Nem ao menos tinham restaurado as energias, nem com o jantar na noite anterior nem, pelo menos, com o café da manhã naquela manhã, juntamente com a tropa, se não outro, estava lá o tal Annibal, junto ao círculo dos suboficiais ou, até é possível, dos oficiais. Com o estômago vazio, ele tinha parado no primeiro café que ele tinha encontrado, que exibia o letreiro 'La Melgasciada': realmente, mais uma taverna do tipo 'trani'<sup>12</sup> do que um café, mas equipada com uma máquina napolitana<sup>13</sup> para os poucos clientes abstêmios e, à noite, para aqueles frequentadores habituais da taberna bêbados demais para voltar para a casa das esposas sem ter devorado, antes, um bom litro de matavinho [líquido para anular o efeito alcoólico do vinho; aqui, o café]. Eram 8 horas quando o Moretti sentava pedindo café e pão. Ele tinha visto que havia um dispositivo de rádio na sala e pediu para ouvir o jornal de rádio. Ele estava satisfeito, e Annibal tinha podido ouvir, ouvindo-se citar anonimamente, exatamente o comunicado que ele tinha esperado: "... e o bólido celeste foi visto pela primeira vez por um corajoso agricultor, fascista participante da Marcha, que imediatamente alertou – com a diligência típica do verdadeiro fascista! – os Carabineiros Reais,

os quais, junto com outras agências policiais, resgataram e entregaram à ciência o que restava do objeto celeste":

A notícia daquele meteorito havia sido espalhada a partir da noite anterior pela EIAR14 e pelas edições do final da tarde dos jornais e, no dia seguinte, por aqueles da manhã e os primeiros jornais de rádio. Annibal não ficou surpreso ao ouvir sobre o bólido, na verdade, no quartel Berta tinha sido repetidamente convidado, por vários oficiais, para estudar de memória uma frase que falava exatamente do bólido, escrita em letras maiúsculas na tarde anterior, acima de um folheto, pelo comandante Trevisan, mas previamente concebida e comunicada por telefone ao mesmo pelo meticuloso Bocchini. Ela era uma aulinha pedante a ser repetida em público e em família: "Trata-se de um bólido, isto é, um objeto natural caído do céu, mas não redondo, mas com a estranha forma de pedra discoidal, um pouco parecido com aqueles que se jogam na água para fazê-lo saltar, mas muito maior". No início da manhã, primeiro, o líder do destacamento, em seguida, o centurião encarregado da segurança e da informação e, finalmente, o primeiro comandante Trevisan, para a ocasião vindo cedo de casa, haviam interrogado o agricultor escrupulosamente. Eles tinham demonstrado, o tempo todo, que conheciam a lição de cor. A partir da precisa pergunta do comandante, dirigida a ele pouco antes de ter sido dispensado, ele tinha garantido que tão exatamente teria dito e jamais de modo diferente, acrescentando decididamente para maior credibilidade: "Sim, mas é claro, você

entende bem que é uma grande pedra plana do céu, e como não? É tão óbvio, Sr. primeiro comandante! Em seu coração, no entanto, o homem, sendo de fina inteligência, mesmo que tivesse completado apenas a terceira série primária, não tinha realmente bebido e permaneceu convencidíssimo – ora, bolas! não era uma múmia, ele! – que aquele era uma bela e boa aeronave, na forma de um disco estranho e muito secreto, sim, senhor, e não um objeto natural caído do céu.

Também naquela manhã de 14 de junho de 1933, ao mesmo tempo que Moretti estava tomando seu café da manhã na taberna ouvindo o jornal de rádio e raciocinando consigo mesmo, Mussolini, em seu escritório, foi novamente refletindo sobre aquela aeronave desconhecida: 'protótipo francês, inglês ou Germânico?'. “A Alemanha”, disse a si mesmo, “parece pouco provável para mim, que o histérico bigode de Carlitos está no poder faz alguns meses e antes disso, com todos os bordéis que tinham os alemães lá em cima, certamente não pensariam em projetar novas aeronaves<sup>15</sup>. Mas agora o bigode<sup>16</sup> Adolf está colocando as coisas em ordem rapidamente”: Mussolini não tinha em simpatia aquele seu imitador político adorador que, falando em público, sucumbia a momentos histéricos e, como os serviços secretos lhe tinham dito, caía em particular, em certos momentos, na melancolia mais grave cheia de medo pelo julgamento do mundo e carregada de um senso de inferioridade, coisa absolutamente inconcebível, em vez disso, para um sanguinário rabugento como o Duce que, com absoluta

certeza de ser admirado, especialmente por líderes e ministros de outras nações, como o Chanceler do Tesouro britânico Winston – Winnie – Churchill, que o visitou em Roma em 1929 e a quem ele chamava de o charuto- "grande fumante de charutos Montecristo número 1", e que tinha falado dos serviços eficientes do OVRA –; mas ser admirado pelo bigode Adolf não lhe agradava nadinha, ora pois, saia para lá!

No entanto, foi precisamente o exemplo de Mussolini que deu comida à ação de Adolf Hitler, o bigode para o Duce, líder de um movimento semelhante ao fascismo, que surgiu sobre os fundamentos de um minúsculo Partido Alemão dos Trabalhadores que se tornou o Partido Nacional-socialista que tinha expressado tudo aquilo que de violentamente abominável estava recalcado na esteira da derrota alemã, em primeiro lugar, o tradicional militarismo aceso e o tradicional racismo, no qual o Führer de bigodes à Charlie Chaplin tinha pescado com vara curta a sua doutrina funesta que o tinha levado ao cume da Alemanha em 31 de janeiro de 1933, exatamente o ano em que na Itália se teria capturado, em junho, o disco voador.

O telefone branco do Duce tinha tocado. Apesar de ter transcorrido já o dia 19, Mussolini ainda estava em seu escritório presidencial.

Era Bocchini: "Duce, eu vos saúdo!"

"Novidades?"

"Sabemos a provável nacionalidade dos três cadáveres."

"Bravo! Como descobriu?"

"Facilmente, graças às escritas de serviço no interior do disco, todos em inglês, e também para outras, na mesma língua, nas etiquetas internas das peças íntimas dos três mortos. Infelizmente, em camisetas e cuecas não há endereços corporativos da Grã-Bretanha ou de outro país de língua inglesa, mas a primeira nação, dado o seu poder e a situação política atual, parece a mais provável... "

"... Certamente! A Grã-Bretanha é muito provável! Aqueles lá são mestres em meter seus narizes na casa alheia; e se é verdade que o charuto me tem em grande simpatia, ele ainda é um patriota inglês. Bem, Bocchini, você sabe o que deve fazer com os serviços do OVRA, enquanto daqueles militares faço ordenar disposições eu."

"Sempre às suas ordens, Duce, mas eu tenho mais algumas coisas para lhe dizer."

"Diga lá."

"Em primeiro lugar, revelou-se totalmente precisa a sua ideia de que se tratava de pilotos de prova, mas de espões: entendeu-se quando em um compartimento interno do disco foram encontradas outras roupas burguesas, estas de feição urbana e não, digamos assim, roupas de férias como aquelas desgastadas pelos mortos, e, sobretudo, foram descobertas divisas fascistas.

Ah! Eles queriam pousar, disfarçar-se e espiar, aqueles carrascos! Na aeronave há rolos e películas cinematográficas já impressas?"

"Não, Duce, não foram encontrados, nem películas virgens,

nem câmeras fotográficas ou cinematográficas; e aqui está a outra coisa: havia várias pequenas lentes objetivas externas, acima e abaixo do disco e ao longo de sua circunferência, que apresentam a peculiaridade de não serem encaixáveis em câmeras, mas para serem conectadas, aparentemente através de ondas de rádio, a dispositivos internos que parecem ser radiotransmissores, mas que, estranhamente, não têm válvulas”.

"Rádio sem válvulas?! O que mais aqueles ingleses do mal inventaram?"

"Poderia tratar-se de câmeras para filmar e de radiotransmissão de imagens, do tipo daquelas da televisão experimental britânica, o que apoiaria a hipótese de espionagem por parte daquela nação; no entanto, Duce, são radiocâmeras 18 pequenas, aliás, muito pequenas, não mastodônticas como aquelas que tínhamos fotografado secretamente na BBC 19."

"Isso nos remete a Marconi, hein?"

"Sim, Duce."

Guglielmo Marconi foi o inventor do telégrafo sem fio e um dos pais do sistema de rádio. Ele foi uma das figuras mais importantes do regime, presidente desde setembro de 1930 da Academia da Itália, prêmio Nobel de física e também, entre outras coisas, Almirante da Marinha Real, na qual, após uma breve passagem na Engenharia, tinha servido durante a Grande Guerra.

"Você, Bocchini, acha que eles queriam transmitir fotos e filmes a partir de lá na Inglaterra?"

"A suspeita parece legítima para mim, Duce."

"... e, infelizmente, agora Marconi está no mar fazendo experimentos. Em que área ele está cruzando seu iate?"

"O Almirante está a caminho de volta, no Oceano Índico, perto do Mar Vermelho, mas sabemos dele mesmo, por rádio, que vai fundear a âncora mais algumas vezes, para outras experiências que ele planejou."

"Não posso solicitar o seu regresso, as suas experiências são sempre experiências básicas para a Itália; mas, assim que ele estiver de volta à Pátria, vou interpelá-lo. Entretanto, mantenha-me informado constantemente sobre todos os desenvolvimentos relacionados a essa aeronave estrangeira, também me telefone para a Villa Torlonia se você achar que é útil, aliás, faça-o sem pensar em caso de outros avistamentos de aeronaves estranhas. Até mais, Bocchini e... muito bem!"

Mussolini tinha ordenado imediatamente aos serviços secretos militares para colocarem-se em alerta especial na Grã-Bretanha, mas sem negligenciar outras nações industriais de língua inglesa, e para investigarem em particular aeronaves em forma de disco, máquinas de câmera sem filmes e aparelhos de rádio sem válvulas capazes de enviar imagens.

Naquela mesma noite, pouco antes de sair do escritório e voltar para Villa Torlonia, o Duce ainda tinha resolvido, de impulso como fazia muitas vezes, contatar na China o seu genro Gian Galeazzo Ciano, Conde de Cortellazzo e Buccari, que, como cônsul plenipotenciário, estava vivendo em Xangai

com sua esposa, a Condessa Edda, nascida Mussolini: veio de improviso na mente do Duce a ideia de colocá-lo no comando da Assessoria de Imprensa, o órgão romano encarregado de monitorar e orientar os meios de comunicação com a ajuda do Bocchini e da Stefani, trazendo, assim, "diretamente para casa", tinha dito a sua esposa Rachele quando voltou para o jantar, a direção da superintendência da informação<sup>21</sup>. A consorte tinha apenas murmurado, e não foi a primeira vez, que aquele traste de genro em casa<sup>22</sup>, ambicioso e, acima de tudo, com aquela vozinha não muito masculina, sabe-se lá, não lhe agradava nada, vai saber!

Na segunda manhã de 14 de junho, Annibal Moretti, que tinha voltado para casa, teve a infeliz ideia de revelar a verdade à sua família sobre o disco; e na mesma noite seu único filho, um jovem de 19 anos próximo de servir ao exército, tinha tido a péssima iniciativa, depois do jantar, de falar sobre isso à turminha de seus amigos no 'Il Rebecchino', a taberna do lugar onde se reuniam, entre outros, os trabalhadores braçais de seu pai, outrora vigorosos comunistas que odiavam o patrão, em seguida, submetidos à força ao regime, finalmente seduzidos por Mussolini, como muitos outros proletários rurais e operários, com certas vantagens concedidas a eles, tais como os círculos de entretenimento e as viagens do Instituto Nacional do Pós-trabalho, ou como as creches e as colônias marinhas e de montanha para as crianças pequenas. Os trabalhadores braçais de Moretti, por causa de sua longa língua e da inveja irreprimível

para com o patrão, a qual, apesar da submissão agora bem estabelecida ao fascismo, permanecia ansiosa por uma pequena explosão, haviam repassado na manhã seguinte, em todos os lugares e para os guardas cívicos primeiramente, que seu patrão tinha dito mentiras tão grandes como uma casa, porque ele não tinha visto uma pedra plana, mas um avião inimigo na forma de um disco que tinha caído perto de seu campo. Em suma: bang! Annibal Moretti foi preso em sua casa e internado em um asilo: fez-se isso de modo que todos soubessem que o pobre homem era louco e tinha sido para seu bem que a Autoridade tomou medidas para curá-lo, porque confundir pedras com aviões só poderia criar complicações internacionais e, enfim, ele era um pobre louco, mas deixá-lo livre havia perigo, para ele e para todos. Quanto ao seu filho, mesmo que tenha sido bem preservado, assim como também sua mãe, ao comentar com alguém sobre a hospitalização de seu pai, tinha recebido dias mais tarde, um pouco antes do tempo, o cartão doutrinário e tinha terminado em um batalhão da Engenharia de sapadores do qual saiu um mês mais tarde em frangalhos dentro de um caixão de metal selado, devido ao incidente de treinamento malfadado devido à incompetência do recruta Moretti no uso de explosivos: talvez fosse a verdade, mas a suspeita de um infortúnio deliberado por alguma brecha de regime infiltrada no departamento tinha invadido o coração de sua mãe; ela, no entanto, permaneceu em silêncio sem prestar nenhuma queixa, nem teve a Procuradoria Militar considerado ter que investigar

autonomamente. A senhora Moretti foi deixada em paz e, aliás, passou a receber uma pequena pensão prontamente: ela não tinha tido qualquer problema não só porque ela tinha permanecido em silêncio, mas também porque, em segundo lugar, naquela época, as mulheres ainda eram consideradas muito pouco, e tudo o que viesse do povo ignorante teria tido o mesmo crédito que se poderia reservar ao cacarejar de uma galinha.

Do pobre marido, "fascista da primeira hora", tinha perdido o controle de si mesmo por um tempo, tendo sido transferido de asilo a asilo, até que um dia, em janeiro de 1934, um cartão tinha chegado a sua casa: não uma carta, de modo que os trabalhadores postais da região poderiam ler e, com sorte, divulgar, e isso tinha sido devidamente verificado. Com este cartão, a Sra. Moretti era avisada que o mísero consorte tinha morrido na Sardenha, no hospital, devido a uma pneumonia e era perguntado a ela se ele poderia ser enterrado no cemitério local ou se a família gostaria de ir até lá para transportá-lo ao cemitério de sua terra. A esposa teria que responder no prazo de cinco dias da data da expedição se quisesse transferir o corpo do consorte, caso contrário, o silêncio teria sido como um parecer favorável à inumação na ilha. Os cinco dias já haviam passado, quase certamente o Moretti tinha sido enterrado; a viúva, portanto, renunciou a agir, também considerando os custos e as dificuldades, para uma mulher solteira e ignorante, de ir à Sardenha, para realizar a reexumação e para enviar o caixão para a região lombarda.

Mussolini, tendo dormido alegremente toda a noite, entrou no

banheiro aproximadamente às 7 da manhã do dia 15 de 1933, para as necessidades normais do despertar, e, urinando, tomou uma de suas decisões-relâmpago:

Mal chegou ao escritório, eram 8 horas e 10 minutos, ele já havia convocado – dentro de uma hora! – o Ministro da Educação Nacional, Francesco Ercole, e o da Guerra, Pietro Gazzera<sup>23</sup>: a pauta que apresentaria também interessava aos ministérios do Exterior<sup>24</sup> e do Interior, mas o próprio Mussolini tinha se encarregado disso, provisoriamente; no entanto, ele havia trazido o subsecretário do Interior, Guido Buffarini Guidi, pois, na verdade, ele é quem tinha a direção desse Ministério.

Exatamente 49 minutos mais tarde, os dois ministros e o subsecretário, através da porta de duas folhas do escritório-salão preventivamente escancarada por um criado de quarto, negligenciando a escrivaninha e o lugar reservado do Chefe do Governo que se encontravam no fundo na parte oposta da sala, haviam entrado lado a lado e tinham se dirigido a passos largos até o Duce, sempre lado a lado, de acordo com as disposições muito recentes do próprio Mussolini; enquanto isso, o criado de quarto fechava atrás deles a porta: oficialmente a ordem de urgência tinha a função a reduzir o tempo gasto em audiências, deixando prioritariamente ao Grão-chefe outras tarefas; Mussolini, no entanto, adorava ver aqueles cavalheiros de camisas e jaquetas pretas a obedecer-lhe ridiculamente: a partir de junho de 1935, a partir de junho de 1935, ele teria até feito pular ginasticamente todos os seus hierarcas

em círculos de fogo durante o chamado "sábado fascista" ou, mais precisamente, durante a tarde do mesmo dia, dedicado à ginástica e educação paramilitar, um dever que teria como alvo, no entanto – ai deles! –, todos os italianos. Já o fato de percorrer caminhando a longa sala, com o Duce preso no fundo atrás da escrivaninha presidencial, braços cruzados, mandíbulas empenadas e olhos olhando diretamente nos do convocado de plantão, ou transitando de um ao outro dos presentes, quando eles eram mais do que um como no nosso caso, teria colocado em considerável sujeição, mas percorrer o salão em um ritmo de corrida domesticava completamente e tornava muitíssimo dócil quando alguém estivesse diante do Duce. Depois de receber as ordens, os convocados tiveram que saudar o seu Líder supremo, dar meia-volta e, sempre lado a lado e no ritmo de corrida, pula, pula, sair pela porta, nesse ínterim reaberta pelo porteiro a quem Mussolini tinha dado aviso prévio com o toque de um botão em sua escrivaninha, assim que eles lhe tinham dado as costas. Ele não queria, afinal, ter colaboradores, além do fiel Bocchini, mas simplesmente marionetes.

Em poucas palavras, ele tinha dado ordem aos dois ministros e ao subsecretário para constituir na Universidade La Sapienza, em Roma – "em tempo recorde!" – um grupo secreto de cientistas e técnicos, "denominado, convencionalmente", acrescentou, "Gabinete PE/33, acrônimo de Pesquisas Especiais do ano de 1933": Mussolini, ex- professor primário, gabava-se de ser um grande perito na língua italiana e não foi de todo novato no

cunhar siglas ou expressões; mesmo o misterioso acrônimo OVRA era seu.

O Grão-chefe não tinha convocado um quarto Ministro, também este um membro-chave do gabinete, o da Aeronáutica, o General Italo Balbo, e tinha-o convidado, sozinho, para às 16 horas; ele sabia bem que, sendo aquele homem um fascista da primeiríssima hora e um dos quatro líderes na liderança da Marcha até Roma, os chamados Quadrúviro da Revolução, e antes de tudo sendo absolutamente convencido de seu próprio valor, nunca jamais teria Balbo se apresentado humildemente e até mesmo em um ritmo de corrida, sempre pronto como era, aliás, a criticar na cara o Duce, talvez acrescentando alguma insolência. Por outro lado, ele gozava de um enorme prestígio no país, competindo em popularidade com o próprio Mussolini. Ele foi um dos pouquíssimos na arena política a utilizar a forma de tratamento você, a qual o Duce respondia, mas com aborrecimento: ele sentia grande inveja nos confrontos de Balbo, mesmo que a disfarçasse e não tinha feito nada na época para prejudicá-lo, mas reservando para si afastá-lo na primeira boa oportunidade: ele teria conseguido isso no final do mesmo 1933, promovendo-o ao mais alto dos graus aeronáuticos, Marechal do Ar, depois de haver-lhe dirigido altos elogios e, pouco depois, em 26 de novembro, fazendo-o nomear pelo rei governador rei da chamada Quarta Costa, a colônia italiana da Líbia, assim, de fato, exilando-o.

Naquela mesma tarde de 15 de junho, depois de receber Balbo

e dar-lhe ordens, o Duce tinha instruído a polícia política OVRA na pessoa do fiel Bocchini para supervisionar o trabalho do Gabinete que se estava constituindo e para relatar-lhe qualquer notícia acerca disso.

Em tempo recorde absoluto, em cada capital provincial foi constituída, secretamente, uma específica "seção especial PE/33" do OVRA com a principal tarefa de alertar o Bocchini de quaisquer novos eventuais avistamentos de aeronaves desconhecidas, em quaisquer formas que elas se apresentassem, e de manter o interesse imediata e diretamente em flagrarem testemunhas não militares. Cada avistamento tinha que ser relatado através de um formulário concebido pelo próprio Bocchini, assinado PE/33. FZ. 4, cujo modelo tinha sido transmitido prontamente, com despacho especial, a todas as prefeituras italianas e de cada uma delas a todos os respectivos comandos das forças de segurança, bem como aos quartéis da Milícia locais; o mesmo modelo, destinado aos oficiais da Força Aérea, tinha sido enviado pelo escritório ministerial de Balbo a todos os comandos aéreos para que o entregassem aos respectivos departamentos. Mussolini também decidiu que qualquer relato sobre os avistamentos por parte de civis devesse passar pelo OVRA e deste devia ser enviado a ele pessoalmente e aos hierarcas Italo Balbo como Ministro da Aeronáutica e Gian Galeazzo Ciano como Diretor de Recepção da Assessoria de Imprensa, bem como à sede romana do gabinete PE/33.

Mesmo Balbo, embora ele não fosse um estudioso, tinha

sido cooptado no mesmo Gabinete, por sua determinação de promover a Força Aérea Real, sendo o seu lema: "Você tem que sublimar a paixão de voar, para tornar a Itália o país mais aviatório do mundo." Quanto aos membros científicos, no comando do PE/33 tinha sido colocado Guglielmo Marconi. No entanto, como ele estava em um cruzeiro ao redor do globo em seu próprio iate-laboratório Elettra – o nome era o mesmo de sua filha –, Mussolini tinha decidido que, por enquanto, o Gabinete seria liderado pelo astrônomo e matemático professor Gino Cecchini do Observatório Merate de Milão: nas intenções do Duce, apenas provisoriamente, no entanto, dada a impossibilidade ainda recorrente do Prêmio Nobel, ocupado em muitas outras pesquisas extensas, o senhor Cecchini permaneceria definitivamente responsável pelo PE/33. Os outros cientistas pertenciam às disciplinas de medicina, ciências naturais, físicas e matemáticas da Academia Real da Itália, além do Presidente do Conselho Superior de Obras Públicas, o conde e senador Luigi Cozza, que havia sido contratado no Gabinete como uma referência organizacional e membro de ligação com o Governo.

Em primeiro lugar, tratava-se de uma questão de compreender o funcionamento da aeronave estrangeira, a fim de ser capaz de construir não só semelhantes, mas, com sorte, melhores, mantendo assim na Itália, "de modo formidável", nas palavras do Duce, o primado técnico aviatório, que, naqueles anos, tinha sido reconhecido no mundo e, com ele, a supremacia militar concreta

no ar e a sujeição psicológica à Itália de todos os potenciais inimigos. O programa comportava a concentração das pesquisas, o mais rapidamente possível, num centro dotado de instalações de ponta, que havia sido denominado, prontamente, de Instituto Central Aeronáutico e que se pretendia criar fora de Roma, mas não longe da sede universitária do PE/33; foi logo identificado o lugar, o campo de aviação Barbieri em Montecelio, onde as instalações teriam surgido entre 1933 e 1935 e em torno do qual seria construída a nova cidade de Guidonia.

#### Capítulo 4

Como aparecia a partir do segundo segmento do filme restaurado, nudistas alienígenas eram pessoas semelhantes a humanos, além de alguns consideráveis características:

Tinham um rosto semelhante ao focinho de coalas terrestres, mas desprovidos de pelagem, e quatro dedos em cada mão como, por sua vez, quatro eram os dos esqueletos humanóides encontrados, e, por esta razão, a aritmética dessa espécie inteligente, como se deduziu das folhas com cálculos e como tinha sido possível verificar, após a decifração dos símbolos, graças às contagens da Dra. Raimonda Traversi, de 28 anos, matemática e estatística brilhante da equipe, era baseada em oito<sup>25</sup>: os antepassados desses coalas antropomórficos deve ter começado a fazer contas, no passado distante, em seus oito dedos, enquanto os humanos tinham começado a computar em seus dez, criando, diferentemente, uma aritmética decimal; outra diferença notável era uma bolsa marsupial na barriga das fêmeas:

"espécies de mamíferos marsupiais placentários", decretou, com absoluta obviedade, o Major Dr. Aldo Gorgo, de 50 anos, magro e desengonçado, cirurgião militar de bordo e biólogo coordenador do grupo de ciência astrobiológica.

Todos os achados mostravam que, no momento de seu desaparecimento, a civilização do planeta 2A Centauri<sup>26</sup> tinha se encontrado na mesma situação científico-tecnológica que a Terra na primeira metade do século XX; no entanto, em uma primeira datação aproximativa dos vários artefatos e dos esqueletos, verificou-se que eles se encaixavam em uma idade contemporânea as anos terrestres entre 1650 e 1750 de modo que a civilização alienígena, no momento da sua extinção, tinha precedido de mais de dois séculos a do nosso planeta: de volta para casa, a datação teria sido repetida com instrumentos muito mais sofisticados do que aquele portátil fornecido para a cronoastronave 22, mas o resultado provavelmente não teria mudado muito.

Havia um grande desejo entre os cientistas de descobrirem a causa do desaparecimento dessa raça inteligente. Em primeiro lugar, a gravação no disco de som recuperado poderia ter dado uma resposta, após a limpeza sonora e um trabalho de interpretação, não fácil, não obstante a ajuda dos robôs tradutores; e dois documentos de papel encontrados na mesma sala também poderiam ter beneficiado; mas este estudo e outros só podiam ter ocorrido depois de regressarem à Terra, na Universidade La Sapienza de Roma, em nome da qual a missão

científica saltou para aquele planeta distante; e no momento da repatriação, tendo quase já passado o período, correspondente a um máximo de três meses terrestres a partir do momento da partida, pelo qual foi obrigado a retornar por uma lei do Parlamento dos Estados Confederados da Europa, a Lei do Cronocosmo.

No final do jantar, a Comandante, a Major engenheira Margherita Ferraris, tinha comunicado sem preâmbulos aos oficiais e cientistas fora de serviço, todos sentados com ela em torno da grande mesa da cantina e reuniões: "Senhores, em breve vamos voltar para casa": Margherita era uma mulher esbelta, de 37 anos, solteira, de 1 metro e 85 cm, de altura, de cabelos negros e com um rosto cheio e gracioso: uma pessoa determinada e uma oficial absolutamente brilhante; graduou-se com as mais altas notas, uma dúzia de anos antes, em Engenharia Espacial na Universidade Politécnica de Turim e, tendo sido admitida por concurso, durante os últimos dois anos, também para a Academia Cronoastronáutica Europeia, coligada àquele e a outros politécnicos do continente, ela obteve o posto de tenente do Corpo junto com seu diploma; tenho iniciado no serviço, primeiramente foi designada como segundo oficial em um navio cronoastronáutico que carregava o número 9, quer dizer, o nono em ordem de construção, e anos mais tarde ela tinha ascendido a subcomandante do mesmo charuto com o posto de Capitão: ela tinha tido uma experiência completa, pois o navio 9 tinha sido engajado inicialmente em missões espaciais e, nos últimos

anos, em viagens ao passado da Terra; Margherita tinha sido promovida recentemente a Major e tinha comandado a novíssima nave 22.

"Estou ansioso para ouvir o disco sonoro, logo que o tenhamos acomodado no nosso laboratório em Roma", disse aos comensais o professor Valerio Faro, diretor junto ao La Sapienza do Instituto de História das Culturas e das Doutrinas Econômicas e Sociais, um solteirão de 40 anos, de cabelos castanhos, de quase dois metros de altura e de físico robusto.

"Sim, eu estou ansiosa também", repetiu a Dr. Anna Mancuso, uma pesquisadora de História e colaboradora de Faro, uma siciliana de 30 anos com belo traços e grandes olhos verdes, loira, porque era descendente distante dos ocupantes normandos de sua ilha, bela apesar da estatura não tão alta, de apenas 1 metro e 74 cm, em comparação com a média feminina europeia de 1m e 80cm.

"Eu também tenho grande curiosidade sobre isso", disse o antropólogo Dr. Jan Kubrich, um professor associado de 45 anos de idade da Universidade La Sapienza, um loiríssimo gorduchinho de 1 metro e 85 cm de altura, estatura média para o padrão masculino daquele tempo, homem cientificamente rigoroso, mas, infelizmente, apaixonado pela vodca Lime a ponto de comprometer a sua própria saúde.

Seguiu-se Elio Pratt, um professor associado de Astrobiologia em La Sapienza, de 40 anos, especializado em flora e fauna aquáticas, além de um excelente mergulhador que se distinguiu

em competições de mergulho nos mares terrestres: "Eu já tive muitos resultados nas espécies que eu recolhi em dois navios, mas certamente, uma vez em Roma, eu poderei aprofundar-me muito mais.

"Seguirei seu trabalho com grande interesse e acredito que poderei ser-lhe útil nas traduções", disse a matemática e estatística Raimonda Traversi.

O coordenador do grupo astrobiológico Dr. Aldo Gorgo não tinha, entretanto, falado: sendo ele o médico militar de bordo e não um docente ou pesquisador universitário, simplesmente continuaria seu serviço na nave, deixando a continuação da investigação a cargo dos outros estudiosos.

Menos de uma hora depois, no tempo terrestre, a nave 22 tinha deixado a órbita do planeta indo para o espaço profundo para efetuar, a partir da distância de segurança regulamentar, o salto cronoespacial rumo à Terra: como já na chegada antes de entrar em órbita, a 2A Centauri tinha-se apresentado à cronoastronáutica em sua totalidade, coberta com gelo nas áreas ártica e antártica, ambas sem terra abaixo, e com dois continentes, ambos na área boreal, cada um com dimensões pouco menores do que a Austrália, divididos por um estreito braço do mar, enquanto o outro lado do globo estava coberto inteiramente por um oceano.

Às 10 horas e 22 minutos, hora de Roma, de 10 de agosto de 2133, a cronoespaçonave 22 tinha entrado em órbita ao redor do nosso mundo. Na Terra, eram transcorridas pouco mais de

dezoito horas desde quando, às 16 horas e 20 minutos de 9 de agosto, a expedição científica tinha embarcado com destino ao segundo planeta da estrela Alpha Centauri A: foi graças ao dispositivo Cronos do charuto que na Terra não tinha passado nem mesmo um dia, mesmo que a expedição tenha permanecido por muito tempo naquele mundo alienígena. A fadiga que pesava sobre todos, porém, era o dos meses de trabalho suportados.

Os cientistas e a parte da tripulação que tinha gozado da primeira rodada de franquia estavam ansiosos para relaxar, tanto aqueles que não tinham família em um feriado tranquilo, quanto aqueles na quietude doméstica reencontrando seus entes queridos após a longa separação. Os familiares, por outro lado, não sofriam com o sentimento do distanciamento, porque, na verdade, passou bem pouco tempo antes do reencontro. Após as primeiras experiências, os viajantes e seus entes queridos se acostumaram com as consequências de tais anacronismos, entre os quais o envelhecimento daqueles que haviam saído, embora não muito óbvio, e, tanto por esta razão, quanto pelo estresse que implicavam, as missões não poderiam exceder o tempo máximo de três meses. Ao contrário da previsão de Einstein para viagens espaciais simples em velocidades próximas à da luz, para as quais o astronauta teria permanecido jovem e os habitantes da Terra teriam envelhecido, as expedições com saltos temporais não afetavam a idade do cronoastronauta, ele sofria somente a ação natural do envelhecimento devido à passagem dos meses durante as estadas em outros planetas e, pelas cronoviagens, à

Terra do passado.

As comunicações do e com o nosso planeta haviam sido interrompidas desde o salto da nave 22 em direção ao planeta alienígena, que ocorreu por razões de segurança, de acordo com os regulamentos, a partir da distância de 1 milhão quilômetros da órbita lunar: as transmissões de rádio e televisão eram completamente inúteis porque, viajando as ondas a uma velocidade apenas que tende àquela lentíssima da luz, chegariam ao destino após um grande tempo: no planeta 2A Centauri chegariam da Terra aproximadamente 4,36 anos mais tarde<sup>27</sup>, quando os exploradores já teriam percorrido um bom caminho. Era sempre assim em viagens espaciais e, claro, por causa da incompatibilidade cronológica, mesmo naquelas no tempo: os cronoastronautas permaneciam completamente isolados, os únicos "links", querendo chamá-los assim, eram aqueles chamados "congelados", ou seja, tratava-se de todas as informações sobre a Terra, desde as históricas mais antigas até as mais recentes, retirados dos computadores eletrônicos públicos do mundo e fechados, até um momento antes de partir, nas memórias dos computadores de bordo e, para certos dados, também naqueles individuais dos membros da tripulação e dos pesquisadores: também tais computadores pessoais, não obstante a extrema pequenez, eram potentíssimos, com capacidade de memória e atuações inimagináveis para o tempo dos primeiros de3sajeitados pessoais do século XX e dos próprios PCs dos primeiros decênios do século XXI.

Assim que entraram em órbita, a comandante Ferraris ordenou a abertura do contato com o porto espacial de Roma, no qual os pesquisadores e a tripulação estavam prestes a desembarcar.

Choque!

Embora a disciplina rigorosa a bordo tivesse impedido a tripulação de expressar emoções, a situação parecia subitamente muito alarmante: as comunicações de terra tinham chegado em alemão! No entanto, a língua universal, desde muito tempo já, era o inglês internacional, mesmo se os outros idiomas, entre os quais a língua de Goethe e Hitler, não estivessem mortos e, intimamente falando, ainda fossem falados, assim como havia sido um certo tempo com os dialetos.

Como a tripulação e os estudiosos da 22 teriam entendido melhor dali a pouco, algo de historicamente terrível tinha acontecido e esperava li embaixo no solo, algo que estava para perturbar suas expectativas otimistas e que já tinha cancelado, como se nunca tivesse havido, aquela boa vida da qual, por 80 anos, tinha desfrutado a Europa e muitos outros países, e à qual também o resto da Terra estava já próximo graças a um pacto entre todos os Estados do mundo, assinado em 2120, que tinha conduzido, sobre o exemplo de precedentes casos históricos regionais<sup>28</sup> a um mercado internacional inteiramente sem tarifas alfandegárias, considerado por todos um primeiro esboço de união política mundial: com base na experiência histórica, não se pretendia criar, como segunda fase, uma moeda

única sem antes ter unido o mundo politicamente e constituído, paralelamente, um instituto de emissão central global dotado de plenos poderes monetários; foi, de fato, aprendida a amarga lição da Europa dos primeiros anos do século XXI nos quais o euro tinha precedido a união política com graves danos para muitos Estados-membros, desejosos de um certa moeda mais forte sem que pudesse trazer a eles em socorro um autônomo Instituto de emissão europeu, situação para a qual a própria união tinha arriscado, por um certo tempo, esfacelar-se, até quando acabou por prevalecer, em boa hora, a razão e surgiu a Confederação<sup>29</sup> política europeia com o próprio Banco Central de emissão. Além disso, a história da Terra tinha sido particularmente dolorosa, mesmo antes da crise europeia, de sua conclusão e dos prósperos e pacíficos 80 anos que haviam seguido: no século XX, o mundo tinha passado por duas terríveis guerras mundiais, com dezenas de milhões de mortos, e por vários conflitos locais, e, uma vez que a besta nazista-fascista tinha sido vencida, transitou dramaticamente para a assim chamada guerra fria entre Ocidente e União Soviética; depois a História havia passado, quase em todo o mundo, para a morte liberadora da outra ditadura política, o comunismo; no entanto, ela também teve um confronto com o capitalismo exasperado e o colapso concomitante da espiritualidade. Finalmente, em meados do século XXI, houve a ascensão que terminou com a conquista de uma condição pacífica e próspera, jamais imaginável nos séculos anteriores.

Esta condição benigna tinha desvanecido, e estava em curso uma Outra História. Vigia igualmente a paz mundial, mas não liberal, com base, como ignoravam no momento os que embarcaram no charuto 22, em uma segunda guerra mundial alternativa, combatida com bombas de desintegração e vencida pela Alemanha nazista: tratava-se de uma paz que, parafraseando um provérbio latino antigo<sup>30</sup> na realidade, era apenas um deserto da alma, que envolvia o desaparecimento de etnias inteiras, raças definidas como as dos cães: a judaica, primeiramente, aniquilada, e depois a negra africana reduzida inteiramente à escravidão e colocada para trabalhar de forma tão desumana que quase lhe provou a extinção. Somente os povos da chamada "raça amarela" e da "raça árabe" tinham sido respeitados, pois os pseudoestudos antropológicos tinham declarado tratar-se de povos paralelos derivados de uma divisão evolutiva da linhagem indo-ariana, que ocorreu 200.000 anos antes; na verdade, as razões tinham sido práticas: por um lado, quase certamente não teria sido possível, à relativamente pequena "raça" ariana que tinha conquistado o mundo, exterminar completamente a enorme população de pele amarela; por outro lado, no século XX, os árabes haviam sido, como os nazistas, os adversários implacáveis dos judeus, aliás, haviam sido aliados da Alemanha na guerra dos espões da década de 1930, e isso lhes valeu a magnanimidade de Hitler, embora tenha sido muito difícil para os antropólogos nazistas justificarem a discriminação, tendo judeus e árabes a mesma origem semítica.

Os extenuados oficiais de comunicações do navio 22, sem quebrar, no entanto, como todos os outros, com o ânimo em tumulto, e sem a necessidade de receber a ordem da comandante, haviam inserido, antes de expressar uma única palavra, um dos tradutores automáticos de bordo, que operavam em ambas as direções, e com o pretexto de que as palavras não tinham chegado claramente, pediram-lhe os meios de repeti-las. A comunicação de Roma tinha chegado novamente, expressa em inglês internacional através do computador de tradução: tratava-se de disposições ordinárias de serviço por parte dos agentes do tráfego portuário astral. Tinham sido executadas pela cronoastronave à risca; mas, ainda que a disciplina da tripulação a bordo, aprendida nas academias para oficiais ou suboficiais do Corpo de Astronautas, tenha evitado dificuldades e talvez problemas, os corações de todos permaneciam em tempestade.

A comandante tinha feito tomadas, a partir das videocâmeras do charuto 22, de imagens close-up da Terra ao longo da órbita em que a nave revolucionava, evitando lançar satélites exploratórios em outras órbitas de modo para não levantar suspeitas em alguém em solo, de que o fato não teria sido conforme a praxe de reentrada.

Depois de refletir e consultar com o primeiro oficial Capitão Marius Blanchin, um parisiense de 30 anos de idade, que tinha um metro e noventa de altura, magro, ruivo e de olhos verdes, Margherita tinha decidido descer pessoalmente ao aeroporto para uma inspeção direta, a fim de compreender

a situação um pouco melhor antes de empreender qualquer outra iniciativa. Como não sabia alemão, embora tivesse um tradutor em seu microcomputador pessoal, pediu a Valerio Faro para acompanhá-la, uma vez que ele entendia e falava aquela língua fluentemente, tendo-a estudado a fundo, em sua época, para sua tese de doutorado em História das Doutrinas Econômicas e Sociais centrada em obras do alemão Karl Marx, e tendo-a usado para posteriores pesquisas históricas: Margherita acreditava firmemente que, se fosse necessário se expressar em alemão cara a cara com alguém, teria sido apropriado que um bom conhecedor da língua falasse diretamente, sem canais instrumentais, a fim de reduzir o risco de serem descobertos.

Enquanto isso, usando um dos tradutores automáticos de bordo, o comandante pedira em alemão a Roma permissão para descer ao solo com um disco de transporte. Tinha sido concedida sem dificuldade. Em Margherita tinha sido reforçada a ideia, que ela já tinha tido ao constatar que eles não tinham chegado ao solo, que sua missão tivesse sido tranquilamente de inteiro conhecimento do Comando do astroporto.

Um certo Paul Ricoeur, soldado do pelotão de infantaria da Astromarinha que foi deslocado para a nave com deveres de proteção, tinha tomado o seu lugar no disco junto com a Comandante, com Valerio Faro e com a Sargenta-pilota Jolanda Castro Rabal. Cada um dos quatro tinha um paralisador individual consigo.

Quando chegaram ao solo, tinham visto, congelando, que na

baliza que encima a torre do astroporto de Roma destacava-se a bandeira da Alemanha nazista, em vez do estandarte turco habitual com as estrelas douradas dispostas em círculo dos Estados Confederados da Europa.

A Comandante ordenou à pilota: "Jolanda, permaneça no disco, mantenha a pré-ignição e esteja pronta para decolar", então, ela desembarcara com os outros. Eles entraram no edifício do astroporto. Aqui, o trio pôde cruzar com vários símbolos nazistas; entre outras coisas, deparava-se com um grande baixo-relevo comemorativo que exaltava 'Adolf Hitler I, Guia e Imperador da Terra e Conquistador da Lua'; e ouvindo as pessoas que se encontravam falando entre si em alemão e vendo algumas delas saudarem-se como no terceiro Reich, com os braços estendidos, os três tinham verificado, sem dúvida, que eles estavam em uma sociedade politicamente muito diferente da deles, em que não tinha lugar a democracia vívida que tinham deixado em sua partida, mas era o nazismo a dominar.

Enquanto o grupinho retornava sobre os próprios passos, Margherita sussurrara, hesitante, aos dois companheiros: "poderia tratar-se de um problema desencadeado por nós mesmos por um mau funcionamento do dispositivo Cronos".

Assim que a bordo da navezinha, ela ordenou que a piloto voltasse à nave.

Nos poucos minutos que levou para chegar à nave, o pensamento de todos tinham ido para as respectivas famílias; eles haviam se perguntado se seus queridos iriam reconhecê-

los e se, mesmo, neste mundo eles estariam lá: Margherita tinha deixado em nossa Terra pai, mãe e a irmã mais nova, também ela engenheira, mas civil e titular de estúdio profissional, Valerio, a mãe, um irmão casado e dois sobrinhos ainda crianças; a pilota, o marido; o soldado, a esposa e uma filha.

De certo havia apenas que essa desordem temporal não tinha tido efeito sobre a tripulação e os passageiros da cronoastronave, de modo que ninguém se tinha envolvido, talvez nem mesmo psicologicamente, na nova sociedade nazista.

A comandante prometeu recolher, assim que a bordo, notícias sobre esta nova desconhecida Outra Terra conectando-se, através de um dos computadores principais da nave, a um arquivo histórico: cautelosamente, no entanto.

No momento de sair do disco na astroarremetida, Valerio Faro tinha dito a ela: "Eu tenho pensado sobre isso, Margherita, e talvez você esteja errada: o problema pode ter dependido não de nossa nave na reentrada, mas de um charuto em exploração no passado; e talvez seja precisamente devido à grande distância da Terra da nossa 22 durante a mudança histórica que não fomos afetados por ela.

"Hum..." pôs-se a considerar ela em um gemido.

Retomou ele: "Margherita, apesar dos grandes cuidados que a lei impõe para viajar no passado da Terra, a certeza absoluta de que o futuro não seja modificado não pode existir. O que é que você diz disso? Não é talvez possível que o dano tenha vindo do charuto 9? Você se lembra – não é? – de que apenas uns dois dias

antes de nós nos lançássemos ao voo pelo 2A Centauri, ele tinha saltado na Itália em 1933, com a equipe histórica do professor Monti?"

"Talvez você tenha razão."

Na verdade, mesmo que, até então, nenhuma missão histórica tivesse interferido com os acontecimentos da Terra tendo cada uma sempre cumprido as ordens do governo para não interferir, todavia, um acidente não era totalmente impossível, tanto que, como a História recordava, mesmo a primeira cronoexpedição histórica tinha arriscado um problema temporal: um seu disco, quando em 1947 estava na exploração de baixa altitude sobre o Novo México, tinha sido avistado e marcado por uma formação de bombardeiros da USAF e atingida, pouco depois, por um ataque antiaéreo pela força aérea explodindo nas proximidades. A navezinha, embora danificada, tinha conseguido pousar em uma localidade desértica perto de Roswell, e os quatro ocupantes tinham sido prontamente embarcados por outro disco e colocados a salvo. Nenhuma agitação temporal tinha acontecido somente graças a um dispositivo especial de que eram equipadas todas as naves de transporte e que tinha sido posto em operação pelo piloto antes de abandonar o veículo: um dispositivo que tivesse derretido cada parte útil a todo o trabalho de retroengenharia, de modo que o refugio recuperado não poderia servir às forças armadas dos Estados Unidos.

Também era sabido que a cronoastronave 9 não era assim tão recente, como denunciava seu baixo número de série, então,

não eram inverossímeis falhas súbitas, apesar dos trabalhos de manutenção constantes.

Assim como Faro supunha, de acordo com os oficiais da engenharia da 22, a nave e seus seres humanos não tinham sido afetados pela volta no tempo – como Margherita a tinha chamado – porque o charuto tinha-se encontrado além do espaço-tempo em torno de 2A Centauri; e isso os fazia supor, sempre como Valerio tinha pensado, que a desordem temporal não tivesse sido causada pelo charuto, mas por outra crononave que, em um tempo antes de 2133, tinha acidentalmente mudado o futuro devido a algum infortúnio.

A comandante concordou finalmente que, se a calamidade tivesse dependido da cronoastronave 22 ao reentrar em órbita, também ela, com todas as gravações de seus computadores e com os seres humanos que transportava, teria sido verossimilmente transmutada tornando-se parte do mundo nazista.

Tratava-se de saber agora quantas e quais expedições históricas, depois daquelas já certamente reentradas antes que charuto 22 tivesse deixado o nosso mundo, tinham saltado para o passado durante o breve lapso de tempo transcorrido na Terra entre a partida e o retorno da nave de Margherita: apenas a do professor Monti e da sua equipe com a nave 9, ou mesmo outros?

Havia, no entanto, a considerar, como Valerio tinha apontado depois de refletir mais, uma eventualidade diferente da de um único universo alterado por um acidente, a de universos paralelos: tratava-se da conjectura séria de tantos cosmofísicos,

ao longo das décadas sobre as teorias mais disparatadas sem, todavia, conseguirem verificar qualquer uma delas experimentalmente; se tal hipótese tivesse sido verdadeira, então, não teria havido uma volta no tempo com uma modificação do futuro da Terra, mas a cronoastronave 22 teria saltado em algum momento, devido a um erro de manobra ou a uma falha do aparelho Cronos, dentro de um universo paralelo muito próximo ao da Terra, um outro Cosmos onde havia uma Outra Terra nazista em vez de nosso mundo; e, neste caso, de certa forma, teria sido verdade o que Margherita temia: a causa teria sido a própria nave.

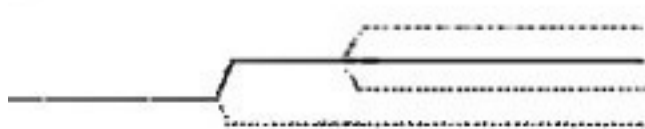
Isso tinha sido discutido.

Valerio tinha dito em um certo ponto: "Suponhamos uma pluralidade incomensurável de universos, cada um tendo uma única decisão baseada no seu nascimento; por exemplo, um cosmos deriva da minha resolução de ir a um determinado lugar onde me espera um acidente que me mata, enquanto que, se eu não for, eu permaneço vivo e aquele universo não surge; bem, como historiador e como filósofo, eu me pergunto se a multiplicidade de cosmos permanece apenas hipotética e é real sempre e apenas um único universo originado, gradualmente, a partir das decisões realmente tomadas e dos fatos realmente acontecidos, ou se os universos paralelos existem realmente todos e, em particular, se cada pessoa se encontra vivendo em muitos deles, isto é, sendo um eu para cada escolha possível de sua vida ou de outros e para cada evento influente, e, portanto,

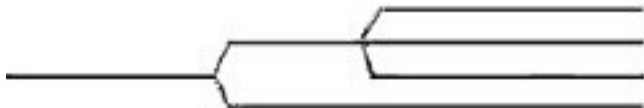
ela exista em cada Terra e Outra Terra novamente e assim por diante. Cada um desses fatos ou decisões cria um universo novo, real ou não? Quanto a nós, neste mundo nazista, existem os nossos alter egos?"

O antropólogo Jan Kubrich interveio: "Vamos ver se eu entendi corretamente, Valerio: por exemplo, em um caso, cai na cabeça de um pedestre de um peitoril um vaso de flores e mata-o, aquela pessoa acaba de morrer e não há um outro universo em que ela, por sua vez, não seja atingida e permaneça viva, e esta segunda possibilidade, portanto, continua a ser meramente hipotética; no outro caso, entretanto, há dois paralelos cosmos concretos, onde respectivamente o vaso cai e não cai, e a pessoa morre realmente em um e permanece viva no outro. É assim?"

Sim. Agora vou desenhar dois gráficos simples, Jan." Valerio tinha se aproximado do computador mais próximo e tinha desenhado eletronicamente um par de esquemas no ar, em seguida ele tinha dito a todos: "Representando com a linha contínua as situações realmente em ser e com a tracejada aqueles apenas hipotéticos e não realizados, e simplificando ao máximo, pode-se perguntar se seria assim, como neste esquema A



ou assim, como no seguinte esquema B



e indo, a título de exemplo, para o meu caso pessoal, pode-se perguntar se há apenas o Valerio Faro que está falando com vocês, ao longo da linha contínua do esquema A, ou seja, um eu mesmo existente acima desta real e única Outra Terra nazista, ou se há também um outro na nossa Terra não nazista, isto é, indo para o gráfico B, se há um Valerio Faro vivendo simultaneamente ao longo de duas linhas paralelas contínuas: um eu mesmo na Terra e outro na Outra Terra. No caso de eu existir apenas na Outra Terra, isto é, se for verdade o gráfico A, a Terra que conhecemos já não existe mais, isto é, é apenas idealmente colocada em uma linha pontilhada do mesmo gráfico A, uma linha agora hipotética, que se tornou inexistente".

Ele dirigiu-se à comandante: "os dois Valerio Faro, ou as duas Margherita Ferraris, e assim por diante para cada um de nós, poderiam, porém, não estar, neste momento, em duas linhas contínuas de acordo com o esquema B, mas acima de uma linha contínua de acordo com o gráfico A, ou seja, nessa linha que no mesmo gráfico representa a Terra nazista; em outras

palavras, você e eu aqui no charuto e Valerio e Margherita número 2 lá embaixo no mundo: ambos na mesma Outra Terra, e assim poderia haver um duplo na Outra Terra para cada um dos outros.”

Ele assim considerava: "... e eu vou complicar as coisas mais: pode ter havido uma separação do charuto com todos os seus passageiros, de modo que uma nave 22 pode ter voltado para a nossa Terra em paralelo com a chegada à Outra Terra desta nave 22 em que estamos nós agora, aliás, desta outra nave 22; e, nesse caso, os Valerio Faro, para permanecer em mim apenas, poderiam ser não dois, um na Terra e outro na Outra Terra, mas mesmo três, dois aqui e um na nossa terra. Se, por outro lado, não há universos paralelos, ou seja, se se excluir completamente o esquema B e se aceitar como verdadeiro apenas o A, há a possibilidade de que eu seja o único Valerio Faro, Margherita Ferraris a única Margherita Ferraris, etc.: a possibilidade, note-se, não a certeza, mantendo ainda sempre viva a outra hipótese de que aqueles inoportunos de Valerio Faro número 2, Margherita Ferraris número 2 e de um alter ego para cada um de nós estejam também eles lá, em algum lugar lá embaixo".

"Isso é de perder a cabeça, Valerio."

"Sim, Margherita, mas o fato é que é lógico apostar no caso que é menos desfavorável para nós, o das estradas históricas imaginárias nos lados de uma única rua real como no esquema A, de acordo com o qual faz sentido raciocinar sobre o ser e o

preparar ações para mudar as coisas; no outro caso, não, porque todo o possível é conseguido, realmente prossegue ao longo do tempo em um número incalculável de estradas para inúmeras encruzilhadas".

"Negligenciamos a ideia de que, eventualmente, sobre esta Outra Terra haja um Outro Valerio, uma Outra Margherita e assim por diante", disse a Comandante, "e vamos nos concentrar em algo positivo: se estamos agora na linha contínua do gráfico A, onde a Terra se tornou, por um acidente no passado, a Outra Terra nazista, e se, portanto, não há universos paralelos, podemos trazer as coisas de volta intocadas!"

Silêncio.

"Sim, senhores, entrando no único passado e trabalhando para tornar-se tracejado, isto é, apenas mais hipotético, o traço nazista contínuo, e fazendo em vez disso tornar-se contínuo, isto é, real, o que, após a volta no tempo, tornou-se tracejado, ou seja, aquele mundo democrático que nós conhecemos e que não está mais lá no momento, mas devemos restaurá-lo".

A pesquisadora Anna Mancuso, pela primeira vez falando, dirigia-se ao seu diretor e amigo professor Faro: "Infelizmente, Valerio, temo que nunca será possível determinar com certeza se seja verdadeiro o esquema A ou o B. Se houvesse, pela suposição infeliz, universos paralelos reais como no esquema B, ao irmos ao passado e ao eliminarmos a causa da volta no tempo, seria possível que esta Outra Terra nazista não existisse absolutamente menos, mas simplesmente que nós, naquele ponto, iríamos saltar

para um universo onde o nazismo não venceu e onde iríamos encontrar, no ano 2133, a nossa sociedade deixada para ir até o 2A Centauri; não notaríamos a existência da Outra Terra e o fato de que simplesmente retornamos ao longo do paralelo binário onde está a nossa Terra."

Valerio: "Sim, eu concordo, Anna; tudo somado é uma questão de mera fé, um pouco como para a escolha que todos fazem mais ou menos inconscientemente, nós cientistas incluídos, de estar no mundo e não ser um mundo. Não é possível provar efetivamente que o solipsismo é verdadeiro ou falso."

"O solips... o quê?", perguntou o ictiólogo Elio Pratt, mais preparado em disciplinas científicas do que em Humanidades.

Ele havia respondido: "O solipsismo, palavra que deriva dos termos latinos 'solus', isto é, apenas, e 'ipse', isto é, mesmo, e que significa 'apenas você mesmo' é em substância a ideia metafísica de que tudo o que existe seja criado pela consciência da pessoa e não seja objetivo. Por exemplo, se a tese solipsista fosse verdadeira, eu me encontraria, apenas, na mente do indivíduo que agora está me ouvindo, eu não seria um real Valerio Faro; e, claro, para mim vocês seriam os produtos da minha mente, vocês não seriam objetivos, só eu realmente existiria e, por assim dizer, eu iria criá-los na minha interioridade. Fato é que é impossível demonstrar experimentalmente verdadeiro ou falso o solipsismo, ou, pelo contrário, demonstrar verdadeira ou falsa a realidade do mundo, porque mesmo o experimento e seu suposto resultado poderiam ser meras criações do eu: é apenas o ato de fé que faz

acreditar que somos parte de um mundo objetivo e, portanto, que podemos conhecê-lo através da experiência."

O pragmático Jan Kubrich entrou na conversa: "Enfim, caro Valerio, solipsismo à parte, para mim, o essencial é que este meu eu que está falando finalmente vem a encontrar-se na sociedade que ele deixou; se houvesse outros inumeráveis eus em tantos cosmos paralelos, egos que eu nunca de qualquer maneira conhecerei, a mim não poderia isso, em tudo, importar".

Anna lhe tinha dito: "Eu me importaria muito de saber, mesmo se eu acho que é impossível nesta vida: na vida após a morte, se tanto; e sobre isso, sabe, Jan? surge um problema teológico essencial..."

"... Não, teologia não: tenha piedade de mim!" tinha-a bloqueado sorridente, com falso desgosto, o antropólogo que, apesar da situação altamente emocional em que, como todos, se encontrava, parecia ainda querer brincar, como por outro lado Anna ainda tinha desejo, apesar de tudo, de raciocinar sobre teologia; ou ambos precisamente por causa da forte tensão, talvez, por seu lenimento.

"Hm... bem", tinha emitido Anne que não tinha compreendido a intenção jocosa dele," eu pensei que fosse interessante, Jan.

"Desculpe-me", Kubrich tranquilizou-a, "eu só estava brincando: se dependente só de mim, continue, que eu estou pronto para ouvi-la de boa vontade."

Pensando que a divagação fosse útil para reprimir a

indubitável ansiedade de todos, a comandante havia tolerado: "... Mas sim, Anna, vamos ouvir".

"Bem, eu ia dizer antes que, aceitando por verdadeira a conjectura, que para mim é atroz, de verdadeiros multiuniversos, a mesma pessoa tem juntos méritos diferentes e deméritos morais, dependendo do cosmos em que cada ego seu, mais ou menos bom ou ruim, vem para encontrar, como resultado de cada uma de suas decisões mais ou menos altruístas ou mais ou menos egoístas; assim, no extremo, o mesmo sujeito, suponhamos um Francisco de Assis, em uma dimensão do espaço-tempo foi honesto até a santidade –objetivo transcendente: salvação Eterna – mas foi absolutamente desonesto em um cosmo colocado em outro extremo, assim, com destino a morte eterna sem ressurreição em Deus, em outras palavras, a condenação infernal<sup>31</sup>".

"Sim, Anna", tinha recuperado a palavra Valerio, "mas, para além do discurso sobre o céu e o inferno que só interessa a nós crentes, a ideia dos múltiplos universos ainda é tremenda: no caso de multiuniversos reais, o eu é, parafraseando Pirandello, mesmo que aqui objetivamente e não nos julgamentos subjetivos do próximo, um e cem mil, ou bilhões poderíamos dizer, e é, no fundo, nenhum<sup>32</sup>, porque, se tudo o que é possível existe, se a pessoa é bilhões e bilhões de indivíduos em tantos universos e não uma única, ela não é um eu, e isso soa absurdo e anti-humanista: o homem parece, assim, um mero zero. Para mim, é inaceitável: Eu acredito firmemente, como Einstein, que Deus

não joga dados e, portanto, eu faço firme ato de fé no único universo."

"Também eu, obviamente," Anna tinha se juntado.

A comandante: "Então, agora é uma questão de agir no passado para mudar esse, que se espera, cosmos único e trazê-lo de volta para a condição anterior à volta no tempo."

As memórias das calculadoras a bordo do charuto foram questionadas.

Os computadores tinham respondido que no momento do salto cronoespacial para o sistema Alfa Centauri até que, como sabemos, eles tivessem gravado todos os tipos de dados dos computadores públicos da Terra, a única cronoespaçonave que parecia não estar ainda de volta do passado era a número 9 que tinha trazido para a Itália do ano 1933 uma expedição liderada pelo filósofo e historiador Professor Arturo Monti da Universidade La Sapienza de Roma. À medida que as comunicações da 22 com a Terra foram interrompidas após o salto, não havia mais notícias.

Em seguida, virou-se para aprender sobre a História da Outra Terra de 1933 até o presente, já que a volta temporal supunha-se ter ocorrido naquele ano distante do século XX, sabendo-se que o charuto 9 fora dirigido para o mês de junho do mesmo ano de 1933. Havia também uma necessidade reservada de informar-se, imediatamente depois, sobre os acontecimentos históricos da Outra Terra antes desse período; se, de fato, a História anterior tivesse sido idêntica àquela da Terra que Valerio e os outros

bem conheciam, teria parecido plausível que houvesse apenas um mundo e que, simplesmente, a História tivesse mudado a partir da volta temporal em diante, tornando-se Outra História. Na verdade, certeza não se poderia ter, pois efetivamente não era inteiramente de todo excludente a possibilidade de dois universos muito próximos em que a História, até certo ponto, tinha sido idêntica e, em seguida, diferenciada em História e Outra História; mas queríamos que não fosse assim e que o desejo fizesse jus a outra hipótese: mesmo no íntimo de Jan Kubrich, afinal.

Valerio Faro na nossa Terra foi credenciado para o Arquivo Histórico Central e tinha acesso direto a ele; esperava, portanto, que este seria o caso na Outra Terra, aliás, ele tinha apostado em si mesmo, ainda que ele não pudesse evitar de perguntar a si mesmo, enquanto estava prestes a tentar o acesso:... e se eu nem tivesse nascido neste mundo nazista? Ou se eu não fosse um historiador aqui, mas... um marinheiro, ou um advogado, ou... quem sabe quem? Além disso, ele sentia, e, sendo um homem livre e um democrata convicto, ele sentia nojo, que, no caso esperado de que ele tivesse tido acesso aos dados confidenciais do Arquivo eletrônico, ele teria sido, na Outra Terra, um servo do nazismo, pois ele não teria de outra maneira podido ter acesso; ele tinha, no entanto, perguntado: eu ou meu alter ego? Sobre este pensamento, ele tinha expressado com palpitação cardíaca a sua própria senha: tinham-no deixado entrar sem quaisquer problemas. Ele tinha engolido instintivamente para

alívio, qualquer um dos dois casos tivesse sido o verdadeiro, enquanto ainda seguia se perguntando: 'Nazista eu ou um Outro Valerio?'

Ele tinha falado sem intermediários, como era o seu direito, com o grande cérebro central. Como esperado, os programas do arquivo estavam também em alemão e não no inglês universal, que, quando eles haviam partido, era falado e escrito em todos os lugares desde os sinais comerciais até os rótulos de fábrica costurados dentro da roupa íntima; agora, somente a cronoastronave 22 e seus discos voadores mantinham as escritas de serviço em inglês, pertencendo ao mundo de partida assim como o eram o próprio Valerio e os outros que embarcaram no charuto.

A primeira pergunta do professor foi sobre a geografia política da Outra Terra. A resposta tinha sido que o globo inteiro era nazista, não apenas a Europa, e estava organizado no Império Mundial da Grande Alemanha que compreendia tanto os protetorados conduzidos por um governador alemão, como os Estados Unidos da América, a Rússia, a Suíça e a maioria dos Estados afro-asiáticos começando por aqueles ex-islâmicos, tanto reinos-fantoches, quanto o da Itália governado por um rei de nome Paul Adolf II: os monarcas locais tinham que adicionar Adolf a seu próprio nome. Quanto ao Império Mundial, o Estatuto nazista estipulava que, a fim de subir ao trono imperial, na morte ou derrubada violenta do imperador anterior – isso tinha acontecido apenas uma vez em 2069 –,

o sucessor fosse eleito pela SS, um pouco como tinha sido para os Césares numa certa época da Roma Imperial, alçados ao trono pelas legiões; também estipulava que o recém-eleito deixasse totalmente os próprios primeiro e último nome e se tornasse Adolf Hitler. Um Adolf Hitler V estava agora no trono, ninguém menos que Kaiser do Universo; o Império, no entanto, de fato, incluía apenas poucos mundos além da Terra, a Lua, onde havia uma base científica, os planetas do sistema solar, dos quais apenas Marte, a partir de quando havia sido artificialmente mudado o clima, era habitado por poucos colonos, e, finalmente, alguns mundos de outras estrelas em que, por enquanto, havia apenas missões de estudo, entre as quais estava a expedição do charuto 22 com o fato de que a cronoespaçonave tinha acabado de voltar à órbita terrestre. Os alemães chegaram a um muito grande poder graças, inicialmente, a um assalto tecnológico de partes do disco precipitado e recuperado pelos italianos na SIAI Marchetti de Vergiate: obviamente o Arquivo falava, em termos muito lisonjeiros, de uma brilhante operação militar realizada por gloriosos idealistas germânicos. Igualmente sabia-se que, para revelar aos alemães a existência e a posição do disco, tinha sido uma certa Claretta que Mussolini, descuidado como sempre da moral familiar, mantinha como sua amante fixa, mulher trinta anos mais jovem do que ele. A partir de fevereiro de 1933, ela tinha aceitado um contrato com os serviços secretos nazistas, por 2.000 liras por mês, que, naqueles tempos, era uma soma importante. A miserável não tinha percebido

o problema que poderia ter vindo para a Itália a partir das suas escapadas junto aos alemães de notícias coletadas entre as dobras dos lençóis do Grande Chefe. Rezava o Arquivo que os italianos ingênuos tinham acreditado, por muitos anos, que tinham sido os ingleses, tidos como os construtores do disco, a realizar o roubo e que, além disso, tinha sido completamente eficiente o sigilo germânico, não só no que diz respeito à operação Patriota, como tinha sido definida convencionalmente, mas também nas atividades de estudo subsequentes, cuja direção tinha sido pessoalmente confiada por Hitler aos engenheiros Hermann Oberth e Andreas Epp: as obras haviam demandado anos, as bombas de desintegração e os discos voadores alemães tinham sido desenvolvidos somente no começo de 1939, após diversas tentativas, graças paradoxalmente a Mussolini com a aproximação agora estreitíssima entre a Itália e a Alemanha, mesmo antes do acordo entre os dois Países do assim chamado Pacto de Aço militar firmado em 22 de maio de 1939: o ditador italiano, agora psicologicamente subjugado pelo poder econômico e bélico demonstrado pelo Terceiro Reich, tinha fornecido a Hitler um dossiê sobre o disco capturado pela Itália e sobre os avistamentos de outros objetos voadores não convencionais e, mediante pedido específico, tinha até permitido que os físicos e engenheiros alemães participassem no projeto do Gabinete RS/33 sobre o que restava do disco, que tinha sido enquanto isso transportado para a nova base de Guidonia. Finalmente, foi precisamente a partilha de

informações concedida pelo agora fraco e confuso Mussolini que determinou o pleno sucesso da operação de retroengenharia dos alemães: a Alemanha tinha feito trinta e um discos funcionais, equipados cada um de quatro mísseis com outras tantas bombas de desintegração; eles haviam sido construídos e testados em uma base a cerca de dez quilômetros de Bremerhaven, localizada na costa do Mar do Norte, na terra de Bremen; as bombas tinham sido fabricadas e testadas na localidade de Peenemünde, na ilha de Usedom em frente à costa báltica do Reich, tendo sido anteriormente evacuada a pequena população civil ali residente, assim como, por muitos quilômetros em extensão e profundidade, tinha sido limpa a costa frontal à ilha. A partir do momento do desenvolvimento de discos, mísseis e bombas, foi necessário aos nazistas ainda mais alguns meses para treinar aviadores para pilotar os mesmos discos na atmosfera e em voo suborbital, sob a liderança do ás da força aérea nazista Rudolph Schriever, bem como no uso de mísseis, obviamente lançados durante os exercícios sem as bombas de desintegração, substituídas por dispositivos com explosivo convencional. No início de julho de 1939, a Alemanha tinha entrado na guerra sem aviso prévio e, ao contrário do que narrava a História tradicional, na Outra História tinha-a vencido e quase imediatamente: em primeiro lugar, a partir dos fliegender scheiben – discos voadores – em voo suborbital, mísseis antigravitacionais haviam sido lançados em várias cidades da Grã-Bretanha, da França, da União Soviética e dos Estados Unidos da América, armados

com bombas de desintegração, idênticas àquelas disponíveis para as naves de transporte para desembarque das cronoastronaves. Como tinham intuído Valerio Faro e aqueles que, por detrás de seus ombros, assistiam à pesquisa, o fato de que os discos tinham percorrido apenas subórbitas era devido a terem sido ainda imperfeitos, para o momento, em comparação com o protótipo que veio do futuro.

A Outra História prosseguia de forma completamente arrepiante, na perda de todo o valor espiritual e no triunfo do ateísmo absoluto. A pessoa tinha sido reduzida a um nada, mero peão do Império Nacional Socialista. Obviamente, o Arquivo Histórico Central exaltava essas coisas como uma conquista preciosíssima da humanidade, confusa esta com a pseudorraça ariana, enquanto subumanos eram considerados todos os outros seres humanos. Após a guerra relâmpago de 1939, progressos adicionais tinham sido feitos nos discos voadores, até chegar ao voo orbital e depois ao espacial sub-luz: a Alemanha tinha chegado já na Lua em 1943 com os quatro homens da Luftwaffe, retornados à Outra Terra sãos e salvos, e, em 1998, seis aviadores nazistas, dos quais cinco alemães e um austríaco, com um disco muito maior do que os anteriores, projetado e propositadamente realizado, tinha desembarcado pela primeira vez em Marte e de lá retornado. A verdadeira colonização do planeta vermelho, no entanto, tinha ocorrido, como por outro lado no mundo de Valerio e Margherita, apenas com a criação das cronoastronaves, projetadas na Outra

Terra em 2098, inteiramente um produto da engenharia nazista desta vez, bem como na Terra tinha sido da engenharia dos Estados Confederados da Europa alguns anos antes: a jornada experimental no espaço-tempo de astronautas nazistas tinha ocorrido em 2105, dirigido para o próximo sistema duplo Alfa Centauri A e B, sem descer em planetas: quase como tinha sido para a Terra, que tinha conquistado o espaço profundo em 2107, com uma viagem de circunavegação da estrela Próxima Centauri, a 4,22 anos-luz de distância do nosso Sol, e retorno imediato. Não constava, no entanto, no Arquivo que os nazistas da Outra Terra tinham feito viagens no tempo: talvez com medo de mudar a História para seu próprio prejuízo? Assim, nem mesmo houve uma expedição em 1933 para estudar o fascismo e, como Margherita e os outros tinham considerado, o disco capturado pelos italianos e roubado pelos alemães tinha vindo do futuro da Terra e não da Outra Terra. Valerio também tinha questionado o Arquivo sobre o tempo antes da década de 1930: desde o alvorecer da civilização até junho de 1933 a Outra História tinha sido idêntica à História.

"Eu acho que neste momento," a comandante da tripulação declarou à tripulação e aos cientistas, "não nos resta outra coisa que saltar para o passado e tentar mudar as coisas."

Mal tinha acabado de terminar a sentença, os computadores de bordo tinham colocado em alerta vermelho o charuto: eles tinham detectado um disco, certamente amigo, daqueles na dotação da nave 22, aproximando-se em velocidade máxima

e, por trás dele, subindo a cerca de dez quilômetros abaixo, outros dois discos não identificados. Os computadores haviam avisado imediatamente após um lançamento de mísseis dos segundos contra o primeiro, enquanto o piloto amigo pedia desesperadamente ao charuto 22 para abrir o hangar com prioridade absoluta. Tinha sido feito. A manobra seguinte da navezinha tinha sido imprudente, com o risco de colidir com a cronoespaçonave e danificá-lo ou pior; o disco tinha, no entanto, entrado na garagem da espaçonave sem danos. Assim que a porta traseira atrás da navezinha fechou, a comandante ordenou que os computadores saltassem imediatamente para o passado, e a nave 22 desapareceu a tempo de não ser atingida pelos mísseis. De acordo com os regulamentos de segurança, o cronossalto deveria ter ocorrido longe do planeta, assim, em vez disso, a energia liberada pela nave do tempo teria aniquilado os mísseis agora muito próximos dos discos perseguidores.

## Capítulo 5

À zero hora e 30 minutos do dia 18 de junho de 1933, apenas cinco dias depois da recuperação, em um hangar da fábrica SIAI Marchetti di Vergiate, do disco capturado, muita figuras mal distinguíveis aos olhos de um gato, vestidas com macacões negros, tinham descido silenciosamente no terreno ao redor das instalações, desvencilhando-se de paraquedas igualmente negros. Para que os motores dos aviões que os trouxeram da Bavária para o local não fossem facilmente audíveis do solo, os paraquedistas tinham sido lançados de uma altura de quatro mil metros, abrindo

os guarda-chuvas após uma queda livre de três mil e setecentos. Apesar da escuridão, nenhum ficou ferido.

Bem conheciam os turnos de serviço da guarda italiana porque uma espião lhes tinha verificado nos dias precedentes e comunicado aos próprios superiores em Berlim. Sabiam que à zero hora do dia 18 de junho houve a troca da guarda e que o destacamento da Milícia desmontada tinha deixado o posto para retornar ao quartel.

Depois de ter sido reunida, a companhia, composta por sessenta homens sob o comando do capitão Otto Skorzeny e por alguns engenheiros da Engenharia de Sapadores, tinha penetrado silenciosa, com o passo militar do fantasma, no local da portaria da fábrica, imediatamente fechando a boca e cortando a garganta aos dois pobres guardiães, marido e mulher. Assim, cinquenta dos sessenta invasores, todos armados com fuzis automáticos Thompson de fabricação estadunidense comprados, através de intermediários, de emissários do Terceiro Reich, agrediram o destacamento da Milícia e os dois marechais do OVRA naquele momento de guarda ao disco e, graças à surpresa e ao armamento moderno, mataram todos. Somente oito dos assaltantes alemães foram mortos e quatro ficaram feridos sob os golpes dos velhos mosquetes modelo 1991, em mãos dos italianos. Ao mesmo tempo, os dez paraquedistas que tinham sido deixados para trás acenderam fogueiras ao longo da pista de pouso que corria ao longo da fábrica, de modo que os mesmos aviões de onde os invasores foram lançados pudessem aterrissar. Os outros, após

tirarem fotografias e feito tomadas cinematográficas, externas e internas, do disco ainda íntegro, levaram dele as partes móveis, primeiramente os mísseis com suas bombas e os equipamentos cinefotográficos de rádio. Todo o departamento tinha, portanto, carregado o saque nos aviões, então a mesma coisa foi feita com os mortos e feridos da companhia. Finalmente, os invasores de Hitler decolaram sem serem perturbados.

Ao pessoal civil que chegara à fábrica às 6 da manhã para iniciar o turno de trabalho, apresentava-se o espetáculo da carnicaria dos dois guardiães degolados e, em seguida, a carnificina dos milicianos.

Em Roma não se suspeitava da verdade, também devido ao desprezo que Mussolini nutria naquele tempo pela Alemanha; o Duce pensou certamente em um assalto daqueles que todos consideravam os legítimos proprietários do disco: os ingleses.

As pesquisas tecnológicas fascistas sobre o disco teriam sido limitadas, forçosamente, ao que restou delas, e nada efetivamente poderia ter sido realizado nos mísseis, nas respectivas bombas de desintegração e nos microdispositivos futuristas de vídeo-rádio roubados pelos nazistas, imediatamente as peças militarmente mais interessantes do saque, armas e instrumentos que, dado o tamanho não enorme, os italianos poderiam ter resgatado sem demora e expedito a Roma, em vez de deixar com superficialidade em Vergiate belos e prontos para serem subtraídos. Naturalmente, algumas cabeças tinham caído, mas, igualmente naturalmente, não aqueles porcalhões que teriam que

ter pensado primeiramente, quer dizer, para não falar do Grande Chefe, não as cabeças, entre outras excelentes, do diretor do OVRA e do Ministro da Aeronáutica Balbo. Nada de novo sob o sol, enfim.

Já na tarde do mesmo 18 de junho de 1933, Hermann Goering, Ministro do Interior para a região da Prússia e futuro Ministro da Aviação do Reich, figura já, em essência, segunda autoridade do regime, sob ordens de Hitler, tinha confiado a direção dos estudos e das consequentes pesquisas de retroengenharia sobre os preciosos bens roubados a Hermann Oberth e Andreas Epp, engenheiros de segura competência profissional e de comprovada fé nazista.

Isso aconteceu quando ainda na Alemanha não tinha sido reconstituída oficialmente uma aviação militar nem, nesta, departamentos de paraquedistas, ou seja, quase dois anos antes de que, em 11 de março de 1935, Goering fundasse a Luftwaffe, tendo sido nomeado contemporaneamente por Hitler comandante em chefe.

## Capítulo 6

Um relatório para a Delegacia local de um dos comissariados de Forlì rezava: “No dia 14 de agosto de 1933, por volta das 14h30, hora italiana, o vanguardista Mario Ferrini, filho di Luigi Ferrini e de Maria Troneri Ferrini, nascido em Forlì em 16 de junho de 1917, estudante, estando a caminhar conversando com amigos todos de dezesseis anos, estudantes e vanguardistas<sup>33</sup>, observava sem querer uma espécie de charuto reluzente em alta

altitude, que, devido à grande altitude, pareci pequeno demais, mas que devia ser na realidade gigantesco, atravessar em voo de sul a norte, em não menos do que meio minuto, o céu sobre a cidade, aparecendo e desaparecendo por sobre cumulus esparsos. Também os amigos, por Ferrini prontamente convidados a olhar para cima, viam aquele estranho objeto e o seguiam com o olhar até quando ele desaparecia por trás do horizonte.”.

“Estava muito, muito mais alto do que o cume do Monte Branco”, tinha dito horas antes Mario à mãe, dona de casa. Às 17 horas, o pai, marechal chefe da Segurança Pública, findo o próprio turno, tinha voltado para casa e tinha sido também ele informado. Com diligência, o suboficial voltou ao escritório acompanhado pelo rapaz e com ele redigiu um relatório para a Delegacia de Forlì, ainda que em seu coração acreditando que aquilo tinha se tratado de um simples dirigível, espécie de aeronave não ainda insólita nos céus daqueles tempos, embora já de há muito se privilegiasse o avião devido a acidentes ocorridos aos aeróstatos a motor mais leves do que o ar, como o horroroso desastre de 1928 do dirigível Itália durante a expedição ao Polo Norte do general Umberto Nobile.

A diligência do marechal dependia das precisas disposições enviadas de Roma a todas as forças de Polícia até a partir da metade de junho, segundo as quais eventuais notícias de avistamentos de veículos voadores desconhecidos deviam ser imediatamente reportadas, sem exceções, diretamente ao escritório do OVRA junto à respectiva Delegacia.

Cópia do relatório foi, então, enviada pelo comissariado, por volta das 18 e 15, à competente seção do OVRA por meio de um agente motociclista. A notícia foi retransmitida pela mesma ao escritório de Bocchini em Roma, por via telefônica; ele pedira cópia escrita do relatório do avistamento e, enquanto isso, tinha advertido por telégrafo tanto o diretor interino do Gabinete RS/33 Gino Cecchini do Observatório de Milão Merate, quanto Mussolini, que, àquela hora, se encontrava em casa em Villa Torlonia pronto para desfrutar, à cabeceira da mesa com sua família, os amados tortellini in brodo recheados de parmesão ralado que sua esposa, excelente preparadora de massas que recusava ter cozinheiros como auxiliares, tinha preparado para ele pessoalmente para o jantar.

“Droga”, resmungou o Duce sentando-se novamente à mesa após o telefonema, “os tortellini já estão gelados, olhe aí!”

Ainda no céu da Romanha por volta das 14h30 do dia 14 de agosto de 1933, o tenente piloto Duilio Arrigoni, em trajeto de Ravenna a Roma com o seu dispositivo, avistou uma “aeronave velocíssima e em grande altitude, em forma de tubo”, que julgou ser “avião totalmente revolucionário”, chegar do sul diretamente ao norte. Não podendo alcançá-lo com o seu biplano, interrompeu o voo descendo ao aeroporto militar próximo, de Forlì, onde fez relato ao comandante do destacamento local. A reação do coronel foi mais de fastídio que de interesse: o oficial percebera que, sem ter avistado nada diretamente e não tendo promovido a decolagem de nenhum

dispositivo do seu aeroporto, havia a eventualidade de ser repreendido pelos superiores, os quais, por outro lado, ele tinha o dever preciso de informar.

# Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.